

# convergência

ABR — 1983 — ANO XVIII — Nº 161



- **COMUNIDADE RELIGIOSA E MISSÃO EVANGELIZADORA HOJE**  
Frei Camilo Maccise, OCD — página 140
- **A VOCAÇÃO NA BÍBLIA A PARTIR DA REALIDADE DO POVO**  
Pe. René Guerre — página 150
- **MINHA EXPERIÊNCIA NA PASTORAL DE JUVENTUDE**  
Pe. Hilário Dick, SJ — página 171

## CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

### Diretor-Responsável:

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

### Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

### Equipe de Programação:

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brúnelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar  
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

### Assinaturas para 1983:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1983 .....	Cr\$ 4.900,00
Exterior: marítima.....	US\$ 21,00
aérea .....	US\$ 29,00
Número avulso .....	Cr\$ 490,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

### Nossa Capa

Em arte visual, o olho é a parte mais importante do corpo humano, pois saber olhar sempre foi o primeiro ato produtivo para sua inteligibilidade. Nossa capa quer visualizar uma idéia de força e força apocalíptica. Um quadro, sinistramente didático, que se observa com apreensão e realismo. O antônimo de **convergência**. A ruptura das forças que possibilitam a coesão e a vida. A terra se esfacela e vai se desfigurando em veloz movimento espacial. Suas partes desintegram-se, sem rumo. É apenas um símbolo. Uma figuração mental. Pode, também, ser uma realidade no macrocosmo sem vida ou nos

microorganismos de vida primária. Tanto na pessoa como na sociedade. Na Igreja e nas Congregações. A **UNIÃO** e a **re-união**, o reverso da representação de nossa capa, é o lugar teológico para a teofania de Deus. "Onde dois ou três estiverem **REUNIDOS** em meu nome, Eu estou no meio deles", Mt 18, 20. **CONVERGÊNCIA** quer continuar sendo, em 1983, o que sempre foi, um insistente convite mensal, a Você, Religioso e Religiosa, para se transformar|diuturnamente em instrumento de **RECOMPOSIÇÃO**. Da **UNIÃO** promana a força e a única solução fundamental. Vivemos um universo de antíteses e oposições pouco dialéticas. Urge criar espaços intermediários de harmonia, removendo barreiras, distorções, impasses, com a intuição do instante e a consciência global do tempo. Só assim, até onde a vista alcança, o edifício da **VIDA RELIGIOSA** ganhará a necessária aderência e as fundações que lhe garantem o papel e a função na construção do **REINO**, de sua **PAZ** e **UNIDADE**.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	129
DE ROMA PARA A CNBB E CRB .....	131
INFORME DA CRB .....	132
COMUNIDADE RELIGIOSA E MISSÃO EVANGELIZADORA HOJE Frei Camilo Maccise, OCD .....	140
A VOCAÇÃO NA BÍBLIA A PARTIR DA REALIDADE DO POVO Pe. René Guerre .....	150
MINHA EXPERIÊNCIA NA PASTORAL DE JUVENTUDE Pe. Hilário Dick, SJ .....	171
DOM PEDRO MARIA DE LACERDA E A VINDA DOS SALESIANOS PARA O BRASIL Prof. Riolando Azzj .....	175
ANO SANTO EXTRAORDINÁRIO ....	192

# EDITORIAL

Os Evangelhos não são uma biografia de Cristo. Pouco satisfazem a curiosidade natural face aos grandes personagens da história. Sua preocupação não é a de situar um personagem nem a de descrever a evolução psicológica de alguém. Sua preocupação é teológica. Relatam a respeito de Jesus aquilo que manifesta uma realidade cujo sentido não se esgota no fato meramente particular. Assinalam fatos, milagres ou palavras que manifestam o mistério salvador de Jesus. É preciso, portanto, a partir daquilo mesmo que Jesus realizou e ao que os evangelistas atribuem uma função reveladora, chegar-se ao mistério de Jesus.

Por sua vez, a liturgia, em seu ciclo anual, celebra os momentos importantes da missão de Jesus. Não comemora aniversários, mas organiza em torno do mistério pascal certos eventos da missão histórica de Jesus. Manifesta assim, ao crente a dimensão trans-histórica desta mesma missão. Insere no presente a energia nunca desmentida do passado de Jesus. O que outrora aconteceu a esse homem, ou o que Ele fez, jamais foi enterrado no tempo. O Cristo é o Vivente, em virtude de sua ressurreição o seu passado jamais deixa de irromper em nosso presente. Desta maneira, a liturgia reencontra a intenção do evangelista: manifes-

tar a energia do mistério de Jesus sempre ativa na Igreja, até seu acabamento na glória.

Ao celebrar mais uma vez a **Páscoa de Jesus**, é necessário saber chegar, através dos ritos e das mensagens, ao sentido do mistério presente no âmago da consciência eclesial. À luz deste mistério adquire sentido pleno toda a realidade humana e histórica. A ressurreição não é apenas revivificação de um cadáver, mas a total realização das capacidades do homem, superação de todas as alienações que estigmatizam a existência desde o sofrimento, a morte e também o pecado e, por fim, a plena glorificação como divinização do homem pela realidade divina. É a realização definitiva da Utopia do Reino de Deus para a situação humana.

Celebrar a Páscoa significa, assim, abrir-se a esta dimensão de Esperança e da configuração com o mistério de Jesus. Esperança, portanto que é compromisso e empenho, na certeza de que, através de toda morte e de toda opressão, atua a força vitoriosa do Ressuscitado, para que o Reino se cumpra em nossa história, até a sua consumação.

Neste número de abril, que chega às mãos dos leitores em meio às alegrias da Páscoa, **CONVERGÊNCIA** lhes oferece

subsídio de reflexão para uma vivência coerente da sua vocação na Igreja.

O artigo de **Frei Camilo Maccise, OCD**, "Comunidade Religiosa e Missão Evangelizadora Hoje", aborda uma dimensão básica do projeto religioso: sua dimensão evangelizadora. Lembra que "os desafios da evangelização no mundo atual são enormes. Por estar intimamente ligada à promoção humana, ao desenvolvimento e à libertação dos pobres e oprimidos, ela não pode deixar de suscitar a oposição, a perseguição, os ataques das sociedades construídas com base no poder, na opressão, na injustiça". Para permanecer fiel a esta dimensão de sua vocação, a comunidade religiosa, diz o autor, deve ter os olhos fixos em Jesus, o autor e consumidor da fé.

"A vocação na Bíblia a partir da realidade do povo" é o artigo do **Pe. René Guerre**. Neste mês em que se abre oficialmente na Igreja do Brasil o **Ano Vocacional**, a reflexão do autor que parte de fenômenos atuais que estão acontecendo um pouco por toda a parte, nos leva a re-pensar o mistério da vocação à vida con-

sagrada na sua ligação com o contexto de onde ela emerge. Analisando vocações-tipo que a Bíblia nos apresenta, o autor chega a conclusões interessantes sobre a pedagogia vocacional do Pai de Jesus e a educação do chamado. Seu artigo é sério e inspirador, apontando rumos novos para a pastoral vocacional hoje.

Neste contexto de pastoral da vocação, insere-se a experiência de pastoral de juventude do **Pe. Hilário Dick, SJ**. Nestas páginas, o autor não defende uma tese mas traça um itinerário de sua ação pastoral com a juventude. Precisamente por isto a mensagem que transmite é especialmente significativa: fala com a linguagem da experiência.

O artigo do **Prof. Riolando Azzi** — Dom Pedro Maria de Lacerda e a vinda dos Salesianos para o Brasil — focaliza os primórdios da obra evangelizadora dos Salesianos em nosso país, colocando em destaque a figura do Bispo que aqui os acolheu há cem anos atrás.

**Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI**

---

Admiro e temo os "carismáticos", criadores de cursos para jovens, que, vendo resultados relativamente fáceis de algumas técnicas e de certo entusiasmo coletivo, se fecham e não se dispõem a discutir com outros a sua prática. Um trabalho que não cultive a revisão contínua e saiba criar uma verdadeira memória histórica relacionada com a caminhada do povo não é transformador. Leia à página 171: **Minha Experiência na Pastoral de Juventude**.

# DE ROMA PARA A CNBB E CRB

*Por ocasião da reunião conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB, em outubro de 82, as duas Conferências enviaram ao Santo Padre um telegrama de augúrios com motivo de sua viagem à Espanha, próxima a realizar-se então. A este telegrama o Santo Padre respondeu, mediante expressiva carta do Secretário de Estado — Cardeal Agostinho Casaroli. Publicamos a íntegra dos dois textos (Irmã Maria Carmelita de Freitas, FI).*

## O telegrama

Beatíssimo Padre: Presidência Conferência Nacional Bispos Brasil reunida mais uma vez Diretoria Nacional Conferência Religiosos Brasil clima pleno entendimento leal colaboração mantida desde início renovam nesta ocasião testemunho comunhão sucessor Pedro desejando abundantes frutos espirituais viagem apostólica Espanha e pedem para si Dioceses Congregações Religiosas bênção apostólica. José Ivo Lorscheiter Presidente CNBB Décio Batista Teixeira SDB Presidente CRB.

## A carta

Senhor Bispo

A delicada mensagem que enviou ao Sumo Pontífice, na qualidade de Presidente da C.N.B.B., juntamente com o Rev. do Pe. Décio Batista Teixeira também ele como Presidente da C.R.B., por ocasião de reunião conjunta das duas entidades, para apresentar a Sua Santidade cumprimentos e votos pela passagem do IV aniversário do Seu Pontificado e de-

sejando bons frutos espirituais para Sua visita pastoral à Espanha, mereceu-Lhe o mais vivo apreço.

Profundamente agradecido pelo testemunho de presença espiritual e reafirmação de protestos de devotada adesão, o Santo Padre também deseja a Vossa Excelência e ao Padre que consigo assinava, bem como a todos os que representavam, a abundância das graças divinas, a fim de se consolidar e intensificar cada vez mais a colaboração sincronizada e animada pela circulação vital da caridade entre os Bispos e os Religiosos, com o sentido da Igreja una e em comunhão com a Cátedra de Pedro, para o maior bem do Povo de Deus que está no Brasil e um mais eficaz serviço à causa comum da Evangelização. Em penhor de tais favores divinos, envia-lhes Sua Santidade o Papa uma propiciadora Bênção Apostólica.

Aproveito esta oportunidade para lhe renovar a expressão de sentimentos de fraterna estima.

**A. Card. Casaroli**  
Secretário de Estado

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### PRO-FOCO — PROGRAMA PARA FORMADORAS CONTEMPLATIVAS — 1982

Realizou-se em Petrópolis/RJ, no Convento Madre Regina, de 12 a 26 de novembro de 1982, a segunda etapa da Programação organizada pela CRB/Nacional para Formadoras Contemplativas. Esse programa, pioneiro na história da Vida Contemplativa no Brasil, pretende reunir em cinco etapas sucessivas, participantes provindas de várias Ordens Religiosas e de vários Estados do Brasil. **Convergência** de setembro de 1982 já expôs como surgiu a idéia desse curso, solicitado pelas próprias contemplativas e oferecido em vista de:

1 — “Dar pistas de conteúdo e metodologia para a formação à VIDA CONTEMPLATIVA. 2 — Aprofundar a dimensão pessoal e comunitária das irmãs que prestam um serviço na formação da VIDA CONTEMPLATIVA. 3 — Oferecer subsídios para transmissão e vivenciar o conteúdo do Curso na sua própria realidade”.

A originalidade própria do PRO-FOCO é não dirigir-se somente aos membros participantes mas, através deles, a todas as suas comunidades. Além das diversas etapas foi previsto, para cada intervalo, um trabalho de aprofundamento e a transmissão do conteúdo do curso às comunidades. Se as participantes da primeira etapa, ao se reunir, traziam

consigo interrogações e temores, a tônica dominante entre as 52 Irmãs ao chegar para a segunda, foi de confiante esperança.

O ligeiro aumento de participantes ocasionou maior representatividade dos Estados do Brasil: CEARÁ: Carmelitas, 3; Concepcionistas, 1. PERNAMBUCO: Carmelita, 1. PARAÍBA: Clarissas, 2. BAHIA: Concepcionista, 1; Beneditina, 1; Carmelita, 1. GOIÁS: Clarissa, 1. MINAS GERAIS: Beneditinas, 4; Carmelitas, 5; Concepcionistas, 5; Servas do SS. Sacramento, 2; Redentorista, 1, Clarissas, 2. ESPÍRITO SANTO: Carmelita, 1. RIO DE JANEIRO: Concepcionistas, 2; Beneditina, 1; Carmelita, 1; Clarissas, 2. SÃO PAULO: Concepcionistas, 5; Visitandinas, 3; Passionistas, 3; Beneditina, 1. PARANÁ: Passionista, 1; Sion, (Ramo contemplativo), 1. SANTA CATARINA: Clarissa, 1.

Na manhã do dia 12, a celebração da Eucaristia, por D. Paulo Rocha, OSB, Abade de Salvador/BA, e Padre Décio Batista Teixeira, SDB, Presidente da CRB/Nacional, dava início à II Etapa. Na abertura, D. Paulo Rocha, OSB, apresentou uma visão global do tema dessa segunda etapa, assim enunciado: “A CONTEMPLATIVA como Pessoa Humana: crescer no dom da Inteligência

e da Ciência à luz do Espírito". Saliou a importância da integração da Pessoa Humana, para com autenticidade anunciar Deus ao mundo pela vivência do Absoluto; deu uma visão abrangente do conteúdo da Etapa.

Coube à Irmã Maria Vilani Rocha de Oliveira, FHIC, Secretária Executiva Nacional, apresentar o programa:

a) Dinâmica e partilha dos Relatórios sobre os estudos feitos nas comunidades no intervalo das duas sessões. Ir. Maria Vilani Rocha de Oliveira, FHIC.

b) Psicologia do crescimento Integral. Ir. Ma. Conceição Galvão, FHIC.

c) Tensão Igreja/Mundo. Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ.

d) Patologia: Frei Fernando Figueiredo, OFM.

e) Integração e desintegração da Personalidade. Fr. Antônio Moser, OFM.

f) Vivência Comunitária e Técnicas de Relacionamento: Pe. José Maria Garcia Gil, CMF.

g) Panejamento do intervalo. Ir. Ma. Vilani R. de Oliveira, FHIC.

Esses dias, marcados inicialmente pela alegria do reencontro, foram de intensa vivência fraterna. A partilha dos estudos feitos nas comunidades deixou entrever como o PRO-FOCO está sendo realmente multiplicado no interior de cada uma. Partiu-se para novas descobertas, à medida em que os professores se sucediam, transmitindo, não só conhecimentos mas sobretudo, vivência religiosa profunda.

A celebração diária da Liturgia foi o momento alto de prece e louvor onde a riqueza dos diversos carismas das famílias religiosas fundia-se sem se confundir, na consciência de pertença eclesial. Ao finalizar a etapa, todas partiram conscientes de que o processo iniciado encontrará sua expressão própria no interior de cada comunidade. Partiram com sentimentos de gratidão profunda para com a CRB, especialmente para com a equipe de Coordenação do Curso, e com a responsabilidade de levar às suas Irmãs uma visão mais abrangente da realidade do Mundo Moderno, os desafios que representa e como tentar a eles responder.

Ir. Maria Madalena (ramo contemplativo da Congr. de Sion), Convento Solitude — Curitiba/PR.

## **CRB — FLORIANÓPOLIS**

### **XIII ASSEMBLÉIA REGIONAL DA CRB/SC**

**19-22 de outubro de 1982**

Realizou-se no Morro das Pedras, em Florianópolis-SC, nos dias 19 a 22 de outubro de 1982, a XIII Assembléia Regional da CRB/SC, com a presença de **112 participantes**: 16 Superiores Gerais e Provinciais, 40 Representantes de Gerais e Provinciais, 8 Coordenadoras de CRB, 14 Representantes Diocesanos de CRB, 2 Representantes da CRB Na-

cional, Diretoria e Executivo Regional, Convidadas e Outros Participantes, conforme relação anexa. Das 91 Congregações presentes em nossa Regional, 51 participaram da Assembléia. Das 59 Congregações femininas, 35 estavam presentes. Das 32 Congregações masculinas, 16 estavam presentes.

Frei Luís Carlos Bortolozzo, Presidente da CRB/SC, deu início à XIII Assembléia Regional Ordinária, cumprimentando os presentes e dizendo da alegria em poder saudar todos os religiosos de Santa Catarina em seus representantes vindos das Dioceses do Estado e de outros Estados. Disse da satisfação de podermos contar, na abertura desta Assembléia, com a presença amiga de D. Afonso Niehues, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis; com a presença do assessor teológico Pe. João Batista Libânio; dos Representantes da CRB Nacional; da Diretoria e Comissão Executiva Regional; dos Superiores Gerais e Provinciais; dos Coordenadores Diocesanos e Comarcais e com a presença de tantos religiosos, buscando acertar os passos.

Apresentou a seguir o OBJETIVO da Assembléia: "Encontro para rever, aprofundar e replanejar a vida religiosa em Santa Catarina". Tema: "A Vida Religiosa e as Grandes Rupturas Sócio-Culturais e Eclesiais". Apresentou, outrossim, a Agenda a ser desenvolvida, conforme Doc. 01 da Pasta da Assembléia. A seguir deu a palavra a D. Afonso Niehues que saudou a todos e deixou sua mensagem de encorajamento e de estímulo.

**I. Exposição do tema: "As Grandes Rupturas..."** Quatro sessões do dia 19 e duas sessões do dia 20 foram utilizadas para a exposição e debate deste tema, pelo Pe. João Batista Libânio, SJ.

**II. ESTUDO DO RELATÓRIO ANUAL da CRB/SC.** Ir. Jandira Bettoni orientou os membros da Assembléia para fazer a leitura do Relatório. À luz daquilo que ouvimos, aqui, sobre as grandes rupturas: Onde situamos nossa vida reli-

giosa, na Igreja? — Qual o nosso compromisso, hoje?

As pessoas presentes à Assembléia se dividiram em grupos e o trabalho obedeceu à seguinte dinâmica: 1º momento: Reflexão individual; 2º momento: reflexão em grupo; 3º momento: Apresentação em plenário. Este, em resumo, apresentou as seguintes constatações:

— Há religiosos, embora poucos, já inseridos na base, com mudança de lugar geográfico e social.

— O fato de a Igreja de SC já estar sendo perseguida, é sinal de que ela está sendo ANÚNCIO e DENÚNCIA.

— Há esforços para uma vida religiosa nova, desde a formação inicial.

— Há busca de atualização, por parte dos religiosos, com fortificação do relacionamento inter-comunitário e intercongregacional.

— O sujeito social atingido pelas nossas atividades, como religiosos, ainda é, na maioria, o sujeito social burguês.

— Nota-se que a realidade de Santa Catarina, ainda está sendo trabalhada mais na linha de ação do que da missão.

— Religiosos ainda bastante amarrados ao sistema vigente.

— Falta a união de forças na CRB, para um objetivo comum. A caminhada é muito heterogênea.

— Insegurança dos religiosos frente ao sistema sócio-político-cultural.

— Situação crítica das Obras Educacionais Religiosas.

Entre os questionamentos se salientaram os seguintes:

— Que critérios são usados para a coleta de dados do Relatório da CRB?

— De que forma a CRB poderá estar presente, com maior força, junto aos grupos intelectuais leigos?

— Se há profunda experiência de Deus na vida religiosa, ela deve transparecer, explodir! Onde está esta explosão em SC?

— Nos encontros comarcais e diocesanos constata-se, em geral, omissão dos religiosos masculinos. Sente-se esta problemática. Que fazer?

**III. Tema: AUTORIDADE E GOVERNO NA VIDA RELIGIOSA.** Pe. Libânio explicou como surgiu o texto — Autoridade e Governo na Vida Religiosa —, enviado a todos os religiosos, para ser estudado, questionado e discutido, levantando sugestões para serem levadas à XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB Nacional.

Terminada a exposição do Pe. Libânio, houve tempo para a colocação de sugestões, críticas, problemas, questionamentos, dos quais foram anotados os seguintes:

— Quais as condições básicas para discernir na obediência religiosa a vontade de Deus?

— No encontro das Madres Gerais Brasileiras, em Belo Horizonte, se pediu que as nossas atividades apostólicas e estudos fossem feitos a partir da realidade da América Latina, para ser fiel à obediência aos Sinais dos Tempos.

— O problema da obediência como exigência do REINO.

— Alguns Superiores, antes de o serem, estavam na linha pós Vaticano II e Medellín, procurando uma dimensão nova de VR, tomando em consideração

fatores psicológicos e sociológicos. De repente se perderam, ficaram na metade do caminho. Agora — só é vontade de Deus e Bíblia na mão! Essas idéias martelando... os novos que vêm assimilam-nas como que por osmose. Quais seriam os critérios para aqueles que estão caminhando não ficarem esclerosados? Como amadurecer esta responsabilidade comunitária?

— A escolha dos superiores (embora aparente certa democracia) precisa ser vista bem de perto, tomando em consideração a questão psicológica, ambiental, familiar, formação religiosa e visão da realidade. Ser superior é um cargo difícil; ninguém quer assumi-lo. Para sua escolha deveria ser feita uma sondagem muito calma e prudente. Para se chegar a este tipo de obediência pós-Medellín e Puebla, precisa-se rever a linha de formação.

— A questão da obediência é procurar a vontade de Deus. Dificuldade prática: relação superior x religiosos e religiosos jovens. A obediência, muitas vezes fica planando nas nuvens. Quando o superior consegue trazê-la para baixo — ela se encarnando — o superior passa a ser mediação para encontrar a vontade de Deus. O espírito do Documento é este, mas não aparece a mediação. A obediência deve ser um modo radical de encontrar a vontade de Deus através do diálogo sincero e aberto.

— Quais os critérios objetivos para discernir se na obediência a vontade é de Deus ou é vontade própria?

— Quando uma ideologia envolve um grupo, com relação à obediência, como sair desta? — No documento, o ponto referencial da obediência, que aparece, é a figura do superior e não a prática de Jesus Cristo. Em última análise o

acento da Obediência é a missão — e isso foi focalizado apenas levemente.

O Assessor, Pe. Libânio tomou a palavra para esclarecer a questão levantada: Vida Religiosa x Igreja Particular — tensões. Lembrou que não estamos habituados a viver os conflitos e tensões. Facilmente se passa de tensões objetivas. Há, por parte dos religiosos, muitas vezes, dois extremos:

● Anulação das originalidades de uma Igreja particular. Há enormidade, não só na VR, de carismas — mas há também carisma em cada Igreja particular.

● Ruptura da unidade eclesial. Quando um corpo se radicaliza de tal forma dentro de uma Diocese — não tomando em consideração o carisma desta Igreja Particular — ou rompe com esta Igreja ou se retira da Diocese.

Como fazer para isso não acontecer?

— Temos que viver com tensões; perceber que teologicamente há diversidade, — mas não quebrar a unidade. Caminhar contra os ventos, mas nunca romper a unidade da Igreja.

**VI. ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA CRB/SC E DE UM DIRETOR CONSELHEIRO.** Em virtude da transferência do Pe. Nivaldo José Machado, para o Rio de Janeiro, em janeiro de 1982, a Diretoria da CRB/SC, reunida em 10.02.82, com base no artigo 16 do Re-

gimento da Regional empossou Fr. Luís Carlos Bortolozzo, até então Vice-Presidente, no cargo de Presidente e a Ir. Ester Ostrowski para o de Vice-Presidente; elegeu o Pe. Carmo João Rhoden, SCJ, para o cargo de Diretor Conselheiro. Conforme o § 1º do Artigo 16 do Regimento da Regional e § 2º no mesmo artigo caberia a esta Assembléia proceder a eleição do Presidente e Diretor Conselheiro. Verificou-se a presença de 65 vogais. Fr. Luís Carlos Bortolozzo recebeu 61 votos. Pe. Carmo João Rhoden, foi referendado por aclamação, para o cargo de Diretor Conselheiro. Ambos aceitaram continuar trabalhando em suas funções.

**VII. ELEIÇÃO DE DELEGADOS E SUPLENTE PARA A ASSEMBLÉIA NACIONAL DA CRB.** Para representar a CRB Regional na próxima Assembléia da CRB Nacional foram eleitos Pe. Carmo João Rhoden e Ir. Olímpia Gaio. Suplentes: Ir. Rainilde A. Schmidt e Irmão Pedro S. Zanella.

**VIII. PRIORIDADES DA CRB/SC — 1983.** Dadas as devidas orientações pelo Pe. Carmo J. Rhoden e com base no Plano de Ação da CRB/SC, os religiosos, em grupos, discutiram e estudaram as prioridades e atividades para 1983. Permaneceram as mesmas prioridades de 1982: Formação Inicial e Permanente. Educação e Juventude. Saúde. Inserção nos meios Populares. Pastoral Vocacional.

## **CRB — BELO HORIZONTE ASSEMBLÉIA REGIONAL DE 1982**

Caminhando para o fim do ano a CRB — BH celebrou mais uma Assembléia Regional Ordinária. Contou com a presença de 92 religiosos(as), incluindo

Superiores(as) Maiores, delegados, Coordenadores de **Núcleos Diocesanos**, Irmã Cléa de Castro Neves representante da Nacional, Diretoria e Executivo da

Regional. Dom Arnaldo Ribeiro, Bispo Auxiliar de BH, presente no ato de abertura, dirigiu-se à Assembléia declarando que os Bispos acreditam na VR e que esta Assembléia é um fato profundamente eclesial e de grande repercussão na Vida da Igreja.

O esquema global previsto foi realizado nos dias 20 a 22 de outubro na Casa da SS. Trindade em Belo Horizonte.

**Dia 20** — Acolhimento, abertura e comunicações. Dinâmica de entrosamento prevendo colocação de expectativas, estudo, avaliação e reelaboração das prioridades do triênio 81/83. Eleição do moderador e de dois secretários. Eucaristia, Avaliação e lazer.

**Dia 21** — Comunicação da Nacional. Painel sobre Educação Popular. Estudo do Documento "Governo e Autoridade". Eucaristia.

**Dia 22** — Formação — Filosofia e Teologia em BH. Formação Permanente. Eleição de 2 delegados para a Assembléia Geral Ordinária/83. Conclusão, Avaliação, Eucaristia e encerramento.

A dinâmica foi bastante variada propondo coordenadores, secretários, cronometristas, mensageiros e repórteres.

**Assumiram as lideranças durante a Assembléia:** Padre Faliero Bonci, CMF — Presidente em exercício da CRB/BH e presidente desta Assembléia. Padre Cleto Caliman, SDB — Palestrista. Padre José Luiz Miranda, SCJ — Moderador eleito. Padre Antônio Felipe da Cunha, SDN — Secretário. Irmã Maria Calixta Benevenuti, CDP — Secretária. Irmã Marlene Frinhaní, CDP — Dinamista. Irmã Terezinha Cechin, SCM — Liturgia.

A programação da Assembléia/82 permitiu aos participantes uma atuação descontraída e envolvente. A reflexão não terminou no dia 22 com o encerramento oficial da última Sessão. Os pontos positivos, os negativos e sugestões foram uma **tribuna livre** a questionar a todos. A Assembléia foi boa? Por que não foi melhor? Você contribuiu? Quais seus **critérios** de avaliação? Apoiados na realização da ARO/82 teremos uma visão mais ampla para iniciarmos o Ano Novo/83. Até lá.

## **ENCONTRO DE COORDENADORES DE NÚCLEOS DIOCESANOS DOS RELIGIOSOS**

**DATA:** 27 a 28 de novembro de 1982.  
**LOCAL:** Sede da CRB-RS. **ESPIRITUALIZAÇÃO:** Irmão Nelson Gonzatti. **COORDENAÇÃO:** Irmã Erenita Perius.

### **AGENDA**

**1º Momento** — Visão da realidade das Dioceses sobre solo Urbano. a) — Dados concretos da problemática. b) — Pontos altos e desafios da Vida Religiosa na Diocese.

**2º Momento** — Estudo do Documento "Solo Urbano" — Pe. Martinho Lenz, S. J.

**3º Momento** — a) — Informações e comunicações, na perspectiva do agir. b) — Visão de programação, com base na Assembléia/82 e a realidade de cada Diocese.

**1 — COLOCAÇÃO DOS COORDENADORES DIOCESANOS NOS NÚCLEOS DIOCESANOS. PONTOS ALTOS:**

— Nota-se um grande esforço para um maior entrosamento entre os religiosos e uma busca constante para um trabalho pastoral mais integrado com as diretrizes das Dioceses e da Igreja Particular e uma caminhada de conjunto.

— Maior desenvolvimento do senso crítico e tomada de consciência sobre a realidade que nos cerca — política, econômica, humana, fome, miséria, terras, etc. . .

— Maior engajamento dos religiosos em ambientes mais necessitados.

— Visitas dos membros da Comissão Diocesana dos Religiosos às áreas e comunidades inseridas, bem como a valorização do trabalho nas bases.

— A comunhão e participação entre as diversas Congregações Religiosas a nível de Dioceses, através de encontros de estudo, oração e lazer.

## **DESAFIOS**

— Maior conscientização e conhecimento, da caminhada religiosa, por parte dos padres, especialmente dos sacerdotes seculares.

— Maior entrosamento entre os religiosos nas dioceses (algumas dioceses).

— Maior apoio dos Vigários para a Evangelização.

— Ainda há muitos religiosos acomodados nos centros urbanos deixando muito a desejar no atendimento às periferias e zonas rurais.

— Pouca participação do elemento religioso masculino em geral nas Assembléias.

— Continua a luta com o povo sem terra e com os que dela são desafiados.

Os grandes problemas do êxodo rural, das barragens, dos cinturões de miséria ao redor dos grandes centros, do desemprego e das condições desumanas em que vive a maioria do povo.

## **2 — ESTUDO DO DOCUMENTO "SOLO URBANO"**

Em primeiro momento foi feito um estudo do Documento e num segundo momento questionamo-nos o que nós religiosos podemos fazer em favor dos que sofrem as conseqüências da problemática. Padre Martinho, na sua colocação enfocou que no texto está claro o direito de morar, proclamado também por João XXIII, na Encíclica "Pacis in Terris" nº 11 que fala do direito de morar, como parte do direito a um digno padrão de vida.

O trabalho da Igreja hoje, é conscientizar o povo sobre seus direitos; manter o povo unido para ajudá-lo a obter o que de direito lhe pertence; caminhar com o povo sofrido e mantê-lo unido para se defender. "Deus destinou os bens para todos os homens." A falta de partilha é fonte de conflitos.

O uso dos bens é comum, a administração é que é particular. Os bens de produção devem ser colocados ao uso comum. Há um princípio de julgamento. Depois que a pessoa morou um ano e um dia sobre um terreno, tem direito de ser consultado, antes da desapropriação. É missão da Igreja esclarecer este direito.

Quando alguém está com fome em plena necessidade, é missão da Igreja apontar, conscientizar do problema social, porém, a solução pertence ao Estado. O direito de morar é mais forte do que o direito de propriedade. É um

direito primário e fundamental. Este estudo foi concluído com um questionamento para os religiosos, também, quanto ao uso das terras dentro das Congregações.

**Sugestão:** Talvez cada Congregação colocasse limites e o que passar deste limite passar adiante. Não devemos ambicionar aquilo que está acima da média, daquilo que é justo. Dar uma utilização justa aos bens que as Congregações possuem. Devemos ter o cuidado também em relação às pessoas que trabalham conosco, quanto ao salário, ao despedi-los. Devemos caminhar com o povo e deixar que ele busque as soluções para resolver seus problemas, cabe a nós apoiá-los.

**INDICAÇÃO DE BIBLIOGRAFIAS: MISSÃO, Uma utopia política de Arno Vern — Ed. Mercado Aberto. SÃO PAULO, O Povo em Movimento, Vários Autores. SÃO PAULO, 1975, Crescimento e Pobreza, Vários Autores. ESPOLIAÇÃO URBANA de Lúcio Kowarick.**

**4º Momento — Comunicação rápida sobre o encontro da Diretoria da CRB Nacional com os Presidentes e Secretários Executivos dos Religiosos.**

**5º Momento — Programação dos Encontros para 1983. a) 1º Encontro: Dias 09 e 10 de abril. Coordenação — Irmã Valdomira Vaccaro — Diocese de Rio Grande. Espiritualização — Irmã Célia Aimi — Diocese de Pelotas. Tema de Estudos — Ano Vocacional — Assessorado pelo Irmão Erno. Local — Sede da CRB. b) 2º Encontro: Dias 3 e 4 de dezembro de 1983 (Será programado em abril.)**

**6º Momento — Datas dos Encontros dos Religiosos em suas Dioceses, conforme segue:**

**I — Frederico Wesphalen: 19/03/83. Tema: Relações Humanas e Fraternas na Vida Religiosa.**

**II — Diocese de Santo Angelo: 24/04/83; 25/09/83. Tema: a) Congregações Religiosas, seu carisma, suas atividades; b) Eleição da Nova Diretoria.**

**III — Diocese de Santa Cruz: 22/05/83. Tema: a) Discernimento; b) Consciência crítica: 18/10/83. Tema: Penitência — Sacramento da Igreja.**

**IV — Diocese de Vacaria: 21/04/83. Programação: Tema: Conhecimento das Congregações da Diocese — "Carisma". Missa Vocacional. Confraternização. (Solicita a presença de um elemento da CRB).**

**V — Diocese de Cruz Alta: 20/03/83; 25/09/83. Local dos encontros — Centro Diocesano de Cruz Alta.**

**VI — Arquidiocese de Porto Alegre — 21/08/83. Encontros dos Religiosos na Catedral Metropolitana à tarde.**

**CONCLUSÃO:** Ao concluir o trabalho, Pe. Isidro Sallet animou e estimulou os Coordenadores Diocesanos dizendo: "nosso trabalho é uma colaboração gratuita. É o espírito de gratuidade e doação que deve nos animar a servir com alegria. Cristo veio para nos congregar e dinamizar e fez tudo na gratuidade. Desejo a todas, em nome da Diretoria, uma passagem do Advento como um apelo à conversão. Votos de um Santo Natal e um início de Ano Feliz para nossa caminhada na Comunhão e Participação."

# COMUNIDADE RELIGIOSA E MISSÃO EVANGELIZADORA HOJE

*O apostolado que a comunidade religiosa precisa desenvolver não é transmissão de verdades e de dogmas mas comunicação de uma experiência de Deus revelado presente em cada realidade. Sua face aparece tanto em situações de conflito, de desafio, como nos sinais dos tempos ou numa atitude de fé orante.*

**Frei Camilo Maccise, OCD**

A partir do Vaticano II, a Igreja, ao tomar consciência de si mesma e ao buscar sua renovação, compreendeu novamente que sua vocação primordial e sua identidade mais profunda residem na missão evangelizadora (1). Todo o Povo de Deus voltou a escutar o mandamento do Senhor de ir pelo mundo afora fazendo discípulos de todas as nações (cf. Mt 28, 19).

A **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi** mostrou corretamente qual o sentido da missão evangelizadora sublinhando que deve "conter sempre uma clara proclamação de que em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, se oferece a salvação a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia de Deus" (2). Segundo a mesma Exortação Apostólica, a mensagem evangelizadora, ao mesmo tempo que está presente e encarnada na realidade e na

cultura, tem uma dimensão transcendente. Ela tem de ser integralmente libertadora e deve inspirar-se no seguimento de Jesus Evangelizador (3).

## **Missão evangelizadora e projeto de Deus**

A evangelização não é outra coisa senão o anúncio do Reino de Deus. Este Reino, que se vai abrindo ao longo da história e que se consumirá no fim dos tempos, nada mais é que o projeto de Deus sobre a humanidade. Deus tem um projeto que se realiza através do mistério pascal de Cristo. Este projeto está orientado para toda a humanidade e se concretiza em um novo tipo de relações com Deus, com os outros e com o mundo.

Nas **relações com Deus**, o homem sem a luz de Cristo cai facilmente em uma atitude fatalista que o leva

a considerar a história e a vida como que lhe é imposto e que ele deve aceitar passivamente. Ao mesmo tempo, a consideração de um Deus criador e onipotente faz surgir no homem o medo e o temor. Além disto, a perspectiva da morte mergulha-o na angústia de quem vê nela o fim de tudo. Deus quer que do fatalismo passemos a uma atitude de filhos responsáveis que assumem seu papel e sua missão na história; filhos que se relacionam com Ele impregnados da confiança de quem sabe que é amado. A morte adquire, assim, um novo sentido: o princípio de plenitude. Neste mesmo projeto de Deus, as **relações com os outros** devem passar da separação, da divisão, do ódio, à união, ao amor, à fraternidade de uma família, de um povo.

Finalmente, as **relações com os bens** se orientam segundo uma linha diversa. O homem deve passar de um uso dos mesmos que o aliena, o escraviza e o leva a oprimir os outros, para um uso na liberdade que o faz compartilhar as coisas com os irmãos numa sociedade justa e humana para todos. No plano de Deus, os bens são, efetivamente, um lugar de encontro com Ele e com os outros.

Puebla resumiu isto quando afirmou que a liberdade deve orientar-se para construir "uma comunhão e participação que hão de se plasmar em realidades definitivas, em três planos inseparáveis: a relação do homem com o mundo como senhor, com as pessoas como irmão e com Deus como filho" (4).

## Vida Religiosa e evangelização

Ao descrever o mistério da Igreja, Paulo fala dela como sendo o Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,27; Ef 4,12). Neste Corpo, cada membro tem a sua função específica para o bem de todos e para a missão evangelizadora. Há diversidade de dons na unidade. Os carismas são comunicados pelo mesmo e único Espírito (cf. 1Cor 12,11) e Cristo, como cabeça, é o princípio de unidade.

Dentro da Igreja surge a vida religiosa como um carisma do Espírito, para a utilidade do Povo de Deus e a serviço da evangelização. Os religiosos "encarnam a Igreja desejosa de entregar-se ao radicalismo das bem-aventuranças" (5). Por isto mesmo, "encontram em sua vida consagrada um excelente meio para realizar eficazmente a evangelização" (6) que tem de partir do testemunho (7).

A luz destes princípios, vamos fazer algumas reflexões sobre a missão evangelizadora da comunidade religiosa hoje. Começaremos por assinalar as exigências que uma evangelização, que deve partir do testemunho, traz consigo para uma comunidade religiosa. Falaremos depois das características do serviço evangelizador de uma comunidade religiosa hoje.

### A comunidade religiosa questionada pela missão evangelizadora hoje

Um dos desafios que se apresentam em cada época da história aos que crêem em Jesus Cristo é o de

saber de que modo devem ser eles testemunhas "da morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, e sinal do verdadeiro Deus" (8). Em outras palavras, de que modo podem anunciar numa linguagem inteligível a Boa Nova da salvação.

O problema não está no conteúdo da evangelização, mas no modo de apresentá-lo nas circunstâncias mutáveis da história. Circunstâncias que, por outro lado, são diferentes e vão desde as sociedades que vivem na abundância e as sociedades de consumo, até as sociedades exploradas onde a injustiça mantém em condições infra-humanas vastos setores da população.

Estas situações difíceis e complexas questionam os cristãos e convidam-nos à criatividade, à audácia, mas sobretudo à conversão ao Evangelho. Somente olhando a missão evangelizadora dentro da perspectiva de Cristo e seguindo seu exemplo no anúncio do Reino é que será possível encontrar novos caminhos para apresentar viva, atual e dinâmica a mensagem libertadora do Evangelho.

Membros do Povo de Deus, os religiosos são também questionados pelas exigências do mundo atual. Com uma missão profética acentuada pelo chamado a uma dedicação total ao serviço do Reino, devem eles ser especialmente sensíveis à voz de Deus nos sinais dos tempos. À luz destes sinais precisam renovar sua vida e sua ação apostólica, que é de natureza idêntica à de sua consagração (9).

A primeira exigência para a missão evangelizadora é a da renovação

da vida, porque o testemunho é o primeiro elemento do anúncio da Boa Nova e a condição essencial para a eficácia do mesmo. Isto traz consigo um contínuo exame, à luz do Evangelho, a nível pessoal e comunitário, que nos ajude a ir deixando os obstáculos que nos impedem de perceber, em nossa vida, os frutos e as conseqüências da mensagem libertadora de Jesus Cristo.

Mais que os indivíduos falaremos da comunidade religiosa porque ela, como tal, tem uma função particular na tarefa evangelizadora. É óbvio que os questionamentos da missão evangelizadora hoje se dirigem também aos indivíduos, mas nós os consideraremos dentro da perspectiva comunitária.

### **Comunidade religiosa: sinal e instrumento do projeto de Deus**

O enfoque do Reino de Deus, como projeto que tem de ser anunciado na evangelização, fez redescobriremos a missão da Igreja e, dentro dela, a de uma comunidade religiosa. Deus colocou a Igreja como sinal e instrumento para a realização de seu projeto no mundo. Como sinal, ela deverá procurar viver os valores do plano salvífico e ir transformando-os em realidade, embora imperfeita, no âmago de sua própria vida. Como instrumento, tem ela a missão de trabalhar para que o projeto de Deus se vá abrindo ao longo da história.

A vida religiosa, como carisma dentro da Igreja, tem a missão de ser "um distintivo que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja a cumprir sem desfaleci-

mento os deveres da vocação cristã" (10). Estes deveres são os que surgem da colaboração prestada ao esforço para ir realizando o projeto de Deus. Cada comunidade religiosa tem, portanto, a missão de ser sinal e instrumento do projeto de Deus dentro da Igreja. Para ser sinal deverá procurar manifestar em sua vida as linhas-mestras do plano de Deus. Como instrumento, há de procurar, juntamente com a Igreja e através da dedicação plena ao serviço do Reino, ir tornando-o presente na terra cada vez com maior nitidez.

### **Uma vida comunitária de fraternidade, primeiro sinal evangelizador**

A missão evangelizadora dentro do projeto de Deus está exigindo, antes de tudo, comunidades mais evangélicas como expressão da presença do Senhor que cria a comunhão entre os crentes. A comunhão fraterna dos religiosos pode ser um fermento de comunhão entre os crentes. A comunhão fraterna dos religiosos pode ser um fermento de comunhão entre os homens e de coparticipação dos bens de Deus (11). Na linha da evangelização através do testemunho, requer-se que as comunidades tenham um estilo de vida mais simples e que, ao mesmo tempo, se mantenham próximas do povo para serem também evangelizadas por ele. Isto levará gradualmente a consolidar a vida comunitária com base em valores evangélicos; a viver a fraternidade dentro da comunidade, mas também fora dela, com capacidade de acolhimento a fim de compartilhar. Este tipo de comunidades faci-

lita igualmente uma atitude de discernimento constante para irmos descobrindo os caminhos de Deus na história. Sobretudo pelo fato de ter todas as limitações e imperfeições humanas, ele compromete mais decididamente as pesosas numa evangelização em conexão necessária com a promoção humana (12).

Juntamente com a simplicidade e a proximidade de relacionamento com o povo, a comunidade religiosa precisa viver relações mais profundas entre seus membros e aquela caridade realista e concreta que, em um mundo de egoísmo, injustiça e ódio, faz descobrir a presença e a ação de Deus que nos reconcilia e confraterniza. Isto, mais do que outra coisa, converterá a comunidade em um sinal evangelizador: anúncio do projeto de Deus, que quer converter-nos numa família de irmãos. Ao renovar diariamente, em meio às inevitáveis e necessárias dificuldades da vida fraterna, o ideal de comunhão de amor, a comunidade mostrará os motivos de sua esperança e indicará aos outros a meta a que Deus nos chama em Cristo.

### **O anúncio e a denúncia dos votos em sua dimensão comunitária**

Além da vida comunitária, os votos, com as implicações que têm na vida de fraternidade, constituem um testemunho profético evangelizador da comunidade. Deixando de lado o fato de que pelos votos o religioso/a se consagra a Deus para ser enviado em uma missão que favorece os outros, a consideração dos mesmos em sua dimensão comunitária-

ria manifesta sua força evangelizadora. Isto, porém, sob a condição de que procurem viver com sinceridade e utilizando formas renovadas que tornem inteligível a sua mensagem.

O voto de **pobreza**, entre outras coisas, leva a compartilhar os bens na comunidade, mostrando que uma pessoa vale não pelo que tem, mas pelo que é. Demonstra assim, igualmente, que a função das coisas materiais é a de ser lugar de encontro com Deus e com os irmãos. Através deste tipo de pobreza religiosa, aprende-se a abertura a Deus e aos outros; expressa-se o valor social dos bens e percebe-se a exigência de trabalhar para criar uma sociedade justa e humana para todos. Ao mesmo tempo, uma comunidade que coloca o que é o que tem a serviço dos mais pobres e necessitados, trabalhando pela sua promoção, denuncia evangelicamente o uso dos bens para prestígio e poder na sociedade. Isto contraria o plano de Deus, que concede os bens ao homem para utilidade de todos.

A **castidade consagrada** ao serviço do Reino permite a criação da comunidade como família reunida em nome do Senhor. Esta união manifesta a sua presença. Pela vivência comunitária da castidade os indivíduos universalizam a sua dimensão social e afetiva. Embora a castidade consagrada expresse a comunhão com Deus, esta não pode separar-se da comunhão fraterna dentro da comunidade. Esta, por sua vez, abre-se a relações mais amplas que lhe permitem ir estendendo a fraternidade que, edificada sobre um amor generoso, denuncia o amor egoísta que só busca o prazer e a utilização

da pessoa. A comunidade religiosa é chamada a ser, pela castidade consagrada que a faz surgir, um testemunho da aliança de Deus com seu Povo. Aliança que liberta para o serviço e a fraternidade que universaliza o amor ao próximo. Um amor que ultrapassa os vínculos da carne e do sangue.

A **obediência religiosa**, vivida em sua dimensão de busca comunitária da vontade de Deus junto com os que têm o serviço da autoridade, pode e deve apresentar-se como o caminho para resolver evangelicamente o problema que surge entre uma liberdade individualista e uma autoridade totalitária nas relações humanas. Ao procurar na oração e no diálogo fraterno os caminhos do Pai, a comunidade denuncia este tipo de liberdade e de autoridade. Testemunha que a autêntica liberdade deve ter em conta o bem dos outros e que o sentido da autoridade é o serviço.

Estas considerações fazem-nos ver claramente que a evangelização como anúncio do projeto de Deus exige comunidades renovadas. Nelas a vivência da vida fraterna e a prática dos votos são questionadas porque o principal serviço evangelizador que podem e devem prestar é o do testemunho de sua vida consagrada. Esta torna visíveis a prioridade de Deus, a comunhão fraterna e a doação ao serviço dos irmãos.

Diante do projeto de Deus, as comunidades religiosas são chamadas a examinar sua vida, a converter-se e a procurar ser fermento de comunhão entre os homens para a criação de uma sociedade justa e humana,

expressão, imperfeita porém real, do projeto de Deus na história.

### **Características do serviço evangelizador de uma comunidade religiosa hoje**

O serviço evangelizador de uma comunidade deve partir de uma conversão da mesma aos valores do Evangelho. Já que estes se concretizam no seguimento de Jesus, este deverá ser a norma da renovação e da busca de novos caminhos de fidelidade ao Senhor e ao seu Reino.

O seguimento de Jesus precisa partir de uma consideração do próprio Jesus em sua história concreta. Neste, Ele aparece como o primeiro evangelizador que anuncia a Boa Nova aos pobres, revelando-lhes o Deus das bem-aventuranças; como aquele que trabalha pela libertação do homem, respeitando seu valor e sua dignidade e estabelecendo, como síntese de tudo, o amor gratuito e eficaz; enfim, como aquele que vai aceitando os caminhos do Pai e a lógica tão diferente que eles têm. Da consideração das exigências do seguimento de Jesus decorrem, para uma comunidade, as características de seu serviço evangelizador na fidelidade ao Evangelho.

### **Evangelizar partindo da experiência do Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo**

Não pode haver um anúncio eficaz e perseverante da Boa Nova do Deus que se revela e intervém na história para libertar-nos, sem a interiorização e o aprofundamento da fé que levam a uma experiência dele. Isto requer, em uma comunidade evan-

gelizadora, uma atitude de fé orante e compartilhada para alcançar comunitariamente uma experiência de oração como atitude de vida. Tal atitude fará que a comunidade aprenda a descobrir Deus presente na realidade. Assim, esta se converterá em um lugar de oração; a oração levará ao compromisso e este se transformará em oração, em encontro com Deus.

Esse Deus com que a comunidade irá encontrando-se gradualmente não será o Deus feito à imagem do homem, mas o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus das bem-aventuranças, que faz nascer o sol para bons e maus, e que manda a chuva para justos e injustos (Mt 5,45). O Pai, cujos caminhos não são os nossos caminhos (cf. Is 55,8-9), que quer transformar-nos em seus filhos, em irmãos dos outros e que faz tudo colaborar para o nosso bem (cf. Rm 8,28), esse Deus continua revelando-se na realidade em que está presente. Sua face aparece em situações de conflito, a dos problemas sociais, nos desafios de um mundo secularizado, nos sinais dos tempos que nos questionam e interpelam.

As comunidades religiosas, com uma experiência de Deus e em contato com a realidade, poderão ir descobrindo sua face revelada em Cristo e irão tornando-se cada vez mais capazes de transmitir esta experiência radical. Desta depende também a força evangelizadora e a criatividade da comunidade e dos indivíduos no serviço do Reino. O apostolado não é transmissão de verdades ou de dogmas, mas comunicação e proclamação de uma experiência.

## **Evangelizar todos, como Jesus, partindo de uma opção pelos pobres**

A Igreja do Vaticano II, ao definir-se como Igreja dos pobres, nada mais estava fazendo do que tomar consciência de sua missão evangelizadora. Esta missão continua a missão de Cristo, que veio para "evangelizar os pobres, pregar aos cativos a liberdade, dar aos cegos a recuperação da vista, libertar os oprimidos, anunciar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19).

Fazer parte da Igreja dos pobres levará a comunidade religiosa a uma opção por eles. Isto dará novo sentido à sua vida e à sua missão. Começando pelo pobre e em solidariedade com ele, poderá evangelizar, como Jesus, os outros setores da sociedade visando a uma conversão de conseqüências sociais (cf. Lc 19,8-9). A opção pelos pobres é uma exigência de fidelidade evangélica. Jesus apresentou-a como sinal messiânico. Por outro lado, é um dos sinais dos tempos que são, à luz da fé, a voz de Deus que guia a história.

Esta opção pelos pobres será expressão de autenticidade evangélica para uma comunidade. Leva-la-á, ao mesmo tempo, a uma revisão de seu estilo de vida e de suas obras apostólicas. O serviço dos pobres gera dificuldades e perseguições. Estas exigem uma conversão e purificação constantes que também decorrem da experiência de ser evangelizados por eles.

Uma comunidade religiosa, deseiosa de evangelizar por fidelidade à mensagem de Cristo, necessita saber

descobrir, com olhar contemplativo, a face de Deus nos pobres; saber encontrá-lo aí de maneira nova, de uma maneira que a questione profundamente e sacuda suas seguranças. Deste modo, lançará as bases de um serviço evangelizador renovado e em consonância com o mundo em que vivemos.

## **Evangelizar aceitando uma comunhão de destino com Jesus**

Cristo, o primeiro evangelizador, assinala o estilo do anúncio da Boa Nova e as conseqüências que costuma trazer consigo o fato de trabalhar pelo Reino. Jesus pôs o Reino acima de tudo. Diante do Reino tudo se converteu "no resto" que se dá por acréscimo (Mt 6,33). Ao trabalhar pela libertação do homem, Jesus fê-lo certamente encarnado na realidade de sua época. Sua mensagem foi diretamente religiosa, mas com implicações sociais. Os valores que ele apresentou questionavam o homem e as instituições civis e religiosas. Propôs Deus como o único Absoluto. Convocou os pobres e marginalizados para o Reino de caráter universal. Pregou contra as divisões e barreiras criadas pelo egoísmo ou pela busca de segurança. Passou por cima das observâncias, quando estas se convertiam em ídolos aos quais o homem devia ser sacrificado. Os valores que propôs: amor ao próximo, pobreza, liberdade, questionavam as sociedades incompatíveis com eles. Tudo isto gerou os conflitos que Jesus teve de enfrentar face à sociedade religiosa e civil de sua época. Aí está a causa do que teve de sofrer: incompreensão, rejeição, perseguição, morte.

Uma comunidade religiosa que evangeliza procurando seguir Jesus, seus ensinamentos e seu exemplo, deverá estar disposta a sofrer a incompreensão, as calúnias, a perseguição. O anúncio da soberania de Deus sobre o mundo e sobre a história para transformá-la em uma linha de fraternidade, de justiça, de amor, de comunhão entre os homens e com o Pai, leva necessariamente a uma comunhão de destino com Jesus. Uma comunidade religiosa nunca poderá esquecer isto no exercício do discernimento dos caminhos de Deus em seu trabalho evangelizador. Tampouco deverá esquecer que o sofrimento e a morte, o fracasso aparente, terminam, como em Cristo, na ressurreição.

### **Evangelizar procurando, em um discernimento de fé, os caminhos de Deus**

As situações mutáveis da história e a ambigüidade da mesma exigem de uma comunidade evangelizadora a atitude evangélica de leitura orante dos sinais dos tempos. O Espírito pede aos cristãos a abertura à sua ação sempre nova e renovadora. Discernir é buscar o que convém fazer e o modo de fazê-lo à luz da Palavra de Deus na Escritura e na vida. Nesta última, o Espírito nos fala de muitas maneiras e nos conduz à descoberta das exigências do Reino nas diversas situações históricas.

A comunidade religiosa deve analisar, com a maior objetividade possível suas circunstâncias e as do ambiente em que se encontra à luz do Evangelho. Não deve cair no erro de refugiar-se no passado e nas so-

luções apostólicas que então foram dadas. Sua fidelidade deverá ser criativa. Sem extinguir a voz do Espírito e examinando as coisas (cf. 1Ts 5,19-21), assumirá as opções e compromissos que convenha assumir para uma evangelização autêntica e eficaz.

Evangelizar com fidelidade evangélica exige da comunidade uma atitude de crítica e de purificação constantes. O discernimento de fé é um processo nunca definitivamente acabado. Novas interpelações de Deus, novos dados, voltarão a exigir uma avaliação do fato e das decisões anteriores. Não pode ser outro o caminho de uma comunidade evangelizadora que coopera com Deus em sua obra salvífica e que está disposta, como Abraão, a "sair sem saber para onde vai" e a "esperar contra toda esperança" (cf. Hb 11,8; Rm 4,8).

### **Evangelizar celebrando na esperança o Reino de Deus que irrompe na história**

A comunidade religiosa, convocada pelo anúncio da Boa Nova, acolhe pela fé essa mensagem e compromete-se a vivê-la numa caridade concreta e eficaz, como expressão da filiação divina e da fraternidade com os outros. Além disto, ela é chamada também a celebrar esta Boa Nova na esperança. A Eucaristia e a oração litúrgica na comunidade aparecem, nesta perspectiva, como expressão das realidades do Reino, vividas na imperfeição da condição terrena, em um dinamismo crescente de esperança ativa. São, igualmente, um meio para aprofundar o anúncio recebido e para fortalecer o esforço

no sentido de tornar presentes e operantes os valores do Reino de Deus na história.

Uma celebração litúrgica numa comunidade evangelizadora deve ter um dinamismo de continuidade com a existência. Será expressão do esforço quotidiano a realizar, dentro e fora da comunidade, o projeto de Deus. Na oração litúrgica a comunidade assume "as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens, especialmente dos mais pobres e necessitados" (13).

Renovação da Páscoa libertadora de Jesus Cristo, a Eucaristia compromete a comunidade no trabalho de evangelização que se acha estreitamente unido, por vínculos antropológicos, teológicos e evangélicos, ao desenvolvimento e à promoção humana libertadora (14). Celebrando na esperança o Reino de Deus na liturgia, a comunidade religiosa vai-se capacitando para o testemunho evangélico de fraternidade e para a entrega ao serviço do Reino. Celebra na esperança o anúncio da ação misericordiosa de Deus na história com o compromisso de colaborar responsabilmente para que se vá abrindo espaço em meio às dificuldades do egoísmo humano.

### **Evangelizar na pobreza**

Como Paulo, modelo de evangelizador, a comunidade religiosa terá presente, diante de si, a convicção de que o anúncio do Reino que ela deve transmitir é "escândalo para os judeus e loucura para os gentios" (1Cor 1,23). A lógica incompreensível da cruz sela o trabalho de evangelização. Não se deve, pois, estra-

nhar que nele se experimentem a limitação e a impotência em face das tarefas que desafiam quem deseja e procura comprometer-se no trabalho a ser realizado no projeto de Deus.

As dificuldades no trabalho evangelizador ajudam a quem a comunidade evangelizadora vá descobrindo Deus e vá compreendendo o que significa a aliança libertadora de Cristo. Sobretudo, porém, na experiência de sua pobreza, a comunidade descobre seu papel de sinal e de instrumento pobre e frágil para a realização do plano de Deus sobre a humanidade.

As tentações de Jesus de impor o Reino usando um caminho humano de poder espreitam também os seus seguidores. Como Cristo se abriu aos caminhos incompreensíveis do Pai, assim a comunidade evangelizadora, com atitude de discernimento contemplativo, irá valorizando a fase dolorosa do mistério pascal na frustração, no fracasso, na cruz. Irá aprendendo, por experiência própria, que do pequeno surge o grande e que a força não é do homem mas vem de Deus, que manifesta seu poder na fraqueza e na limitação (2Cor 12,7-10). Assim, a auto-suficiência dá lugar à pobreza aceita que leva à doação aos outros e confere uma atitude de compreensão. É então que se torna presente e operante, apesar de todo cansaço e desânimo, a esperança ativa, feita de fé, de perseverança paciente e de compromisso. Esta esperança dá à comunidade evangelizadora a força e a segurança da presença do Espírito "que faz tudo colaborar para o bem dos que amam a Deus" (Rm 8,28). Carregando em vasos de barro o tesouro

da missão evangelizadora, elas se convertem em uma manifestação do poder de Deus, entregues à morte para que nelas se manifeste a vida de Jesus (cf. 2Cor 4,8-11).

### **Com os olhos fixos em Jesus, o autor e o consumidor da fé**

Escrevendo aos cristãos que passavam por uma crise ao enfrentarem as dificuldades da primeira época da proclamação da Boa Nova, o autor da carta aos Hebreus exortava-os a olhar Jesus, "que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus" (Hb 12,2). Deste modo se manteriam firmes em meio das tribulações e fiéis no testemunho evangélico.

Os desafios de uma evangelização no mundo atual são enormes. Por estar intimamente ligada à promoção humana, ao desenvolvimento e à libertação dos pobres e oprimidos, ela não pode deixar de suscitar a oposição, a perseguição, o ataque das sociedades construídas com base no poder, na opressão e na injustiça. Uma comunidade religiosa deve re-ler hoje as implicações e as exigências de sua missão evangelizadora.

Somente assim, poderá ser fiel a tal missão e há de encarnar a mensagem no mundo de hoje.

### **Conclusão**

O primeiro serviço evangelizador de uma comunidade será o da irradiação do ideal de fraternidade vivido nela, com as imperfeições da situação terrena. Como sinal e instrumento do projeto de Deus na história, ela procurará renovar sua vida de "koinonia" e viver em sua dimensão comunitária o anúncio e a denúncia profética dos votos. Neste esforço, encontrará uma fonte de renovação constante e, ao mesmo tempo, irá sendo um sinal da presença libertadora de Deus em nossa história. Juntamente com este serviço evangelizador do testemunho, deverá esforçar-se no trabalho direto de evangelização, partindo de uma experiência de Deus na história. Como Jesus, terá uma opção preferencial pelos pobres. Ao buscar os caminhos de Deus na história, celebrará na esperança o Reino que irrompe nela e irá aceitando sua pobreza e a comunhão de destino com Jesus. Deste modo, será no mundo de hoje "testemunha da ressurreição e da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e sinal do Deus verdadeiro", na fidelidade ao Evangelho.

### **Notas e referências**

(1) *Evangelii Nuntiandi*, 14. (2) *Ibid.*, 27. (3) *Ibid.*, 28, 31, 7. (4) *Puebla*, 322. (5) *Evangelii Nuntiandi*, 69. (6) *Ibid.* (7) *Ibid.*, 21, 69. (8) *Lumen Gentium*, 38. (9)

*Perfectae Caritatis*, 8. (10) *Lumen Gentium*, 44. (11) *Puebla*, 753. (12) *Evangelii Nuntiandi*, 31. (13) *Gaudium et Spes*, 1. (14) *Evangelii Nuntiandi*, 31. (15) *Lumen Gentium*, 38.

# A VOCAÇÃO NA BÍBLIA A PARTIR DA REALIDADE DO POVO

*A Vida Religiosa no meio do povo  
é fonte de vocações. Como acolhê-las? Como ajudá-las  
a amadurecer? É possível imaginar uma formação  
para a Vida Religiosa a partir do povo?  
É possível uma formação para "irmãs populares?"*

**Pe. René Guerre**

Recife, PE

Nossa reflexão é provocada por um fato novo muito importante que quero apresentar a partir de um exemplo concreto. Numa pequena cidade do Nordeste uma pequena comunidade de 4 irmãs trabalhou durante 8 anos. Vivendo no meio do povo as irmãs participavam realmente de sua pobreza, de suas lutas. Não estão mais nesta cidade. O fato novo é este: 4 moças, a partir do exemplo e da convivência com as irmãs, manifestaram o desejo da vida consagrada, "de ser irmãs, como as da pequena comunidade". Uma delas já está no noviciado, outra é postulante, participando do postulante intercongregacional do Recife. Duas vivem em Comunidade na pequena cidade e tem um engajamento apostólico bem claro no meio dos mais pobres do lugar e uma profunda vida de oração.

Tem mais! Cinco rapazes da mesma cidade vieram me encontrar no

Recife, para me perguntarem se era possível se colocarem a serviço dos mais pobres para a vida toda. Conversei muito com eles. Três deles querem ser padres "mais bem comprometidos com o povo". Atualmente eles trabalham de dia e estudam de noite; um já terminou o 2.º grau, dois vão terminar este ano, o quarto é pedreiro, está fazendo o 1.º grau. Ele quer ser padre, e diz com firmeza "ficar pobre como está agora" — Estes quatro rapazes não pensam em casar. O quinto rapaz tem vontade de servir os mais pobres, "como as irmãs e o padre tal. . ." Mas não sabe dizer se quer ser padre ou casar!

Este fato significa muita coisa:

1. Parece que a vida religiosa inserida no meio do povo é fonte de vocações que nascem em meio popular. No fato apresentado 9 jovens estão se questionando seriamente. No Nordeste II onde existem mais

de 150 pequenas comunidades religiosas inseridas no meio do meio do povo, muitos jovens, moças e rapazes, desejam dar a sua vida a Jesus Cristo e ao povo mais pobre. No mês de novembro 1982, as pequenas comunidades da região de João Pessoa e Guarabira tiveram um encontro especial para refletir este problema: as vocações que nascem em meio popular. Como acolhê-las? Como ajudá-las a amadurecer? Como deve se pensar a formação a uma verdadeira vida religiosa?

2. Não podemos ignorar que muitas perguntas se impõem na maneira de pensar a formação: É possível imaginar uma formação à vida religiosa a partir do povo? — Sem que as jovens tenham que ser separadas do povo e inseridas na estrutura tradicional da vida religiosa? É possível pensar uma formação de “irmãs populares” respeitando as raízes das vocacionadas... as casas de formação sendo inseridas na base para que as formandas continuem com o povo?

## I — O MISTÉRIO DA VOCAÇÃO NA BÍBLIA

São Paulo diz aos Romanos (4.17) que “Deus faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem”. O chamado de Deus é um ato criador... faz daquele que é Chamado um homem novo... que, muitas vezes na Bíblia, recebe um nome novo, sinal de uma missão (Gên 17.5 e 15).

### A Vocação é um mistério da graça e da fé

Vemos isso bem claro no chamado dos apóstolos por Jesus Cristo. Jesus lhes disse: “Não fostes vós quem me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto...” (Jo 15.16). Ao chamado, os apóstolos responderam com fé. São Pedro disse a Jesus: “Eis que nós deixamos tudo e Te seguimos” (Mt 19.27)

### O Chamado de Deus se dirige a um homem bem concreto

Qualquer que seja a vocação tem, em primeiro lugar, um substrato hu-

mano — A vocação Cristã não se pode definir sem a vocação humana de homem ou mulher chamado ao dom de si mesmo. Este substrato humano se compõe de vários elementos:

O primeiro é o enraizamento: Quer dizer o **chão** em que nasce a vocação: a família, o ambiente de origem, o ambiente de trabalho etc... e outros aspectos que vamos descobrir.

O segundo é a **história** — Toda vocação tem uma história e faz da mesma uma história. São os diversos acontecimentos que marcam uma vida, infletem uma orientação, a Vida... até chegar a uma personalidade e são as pequenas fidelidades cotidianas refletidas e requeridas que levam a uma opção firme e definitiva. Deus entra nesta história, nesta caminhada. É o que chamamos a **pedagogia vocacional** de Deus. Tentamos descobrir isso na caminhada de 6 vocações: Abraão, Moisés, Samuel, Isaías, Maria e Jesus.

## ABRAÃO

A Bíblia nos conta a vocação de Abraão. Mais ou menos 1750 anos antes do nascimento de Jesus. Deus escolhe um homem para realizar o seu desígnio de salvação. Temos que notar isso: a vocação de Abraão se ordena à realização do plano divino neste tempo.

### A Vocação de Abraão

1) Javeh disse a Abrão: "Deixa teu país, tua parentela e a casa de teu pai, para o país que te mostrarei".

2) "Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê tu uma bênção".

3) "Por ti serão benditos todos os Clãs da terra" (Gên 12.1-3).

Neste chamado de Deus podemos descobrir uma tripla promessa: 1) Deus promete a Abraão uma Terra (Gên 12.1.7; 17.18). 2) Uma descendência numerosa (Gên 12.2; 13.15; 15.5; 17.5; 22.17). 3) Uma bênção que recairá sobre todas as nações da terra (Gên 12.3) Ele é, de fato, o Pai do povo eleito.

**Deus quer constituir um povo — "o seu povo" — e, através deste povo ir ao encontro de todos os homens para os salvar. Abraão será o pai deste povo de Deus.**

### O Chão da Vocação de Abraão

O chamado dirigido a Abraão vai orientar toda a vida do Patriarca e manifestar os seus efeitos no espaço e nos tempos. Abraão estará na origem da fé monoteísta do povo

de Israel, na origem da fé da Igreja: o novo Israel. É importante notar o paradoxo da tripla promessa de Deus. Este paradoxo constitui o Chão da vocação do Patriarca.

### Deus promete a Abraão uma terra

No caso, Abraão é semi-nômade. Ele vive de seu rebanho e do trabalho da terra (Gên 18.6-8). O rebanho é grande... Abraão é muito rico (Gên 24.35) e poderoso. Tem meios para defender os seus protegidos (Gên 13.5-9, 14.13-16). Mas como todos os pastores Abraão está sempre à procura de novas pastagens para o seu rebanho. É bem possível sonhar em uma terra.

### Deus promete a Abraão uma descendência numerosa

A família de Abraão tem uma dupla origem: "Ur dos Caldeus" (Gên 11.28) e "Harã" (Gên 12.4). Esta família pertence ao grupo dos Hapiru — grupos de nômades vindos da Mesopotâmia e que se estabeleceram em Canã no começo do 2.º milenário. Os nomes dados às pessoas da família do Patriarca são reveladores de suas relações étnicas: o próprio irmão de Abraão se chama "Nacor" (Gên 22.20-21) é um nome arameu. O filho de Abraão que lhe gerou Agar, a serva egípcia de Sara, recebeu o nome de "Ismael" (Gên 25.12-16) nome Ismaelita. As filhas de Lot estão na origem dos Maobitas e dos Amonitas (Gên 19.36-38).

Vê-se Abraão relacionado com muita gente... e ao mesmo tempo só, sem família própria, sem esperança de posteridade porque já é velho e sua mulher Sarai é estéril (Gên

11.30). Ele dizia triste: "Eu me vou sem criança" (Gên 15.2). Deve ser o maior sonho de Abraão: Ter um filho!

**Deus promete a Abraão uma bênção particular que recairá sobre todas as nações.** Esta bênção só se precisará no decorrer dos tempos. Para Abraão qual é o Deus da promessa? — O deus dos Cananeus era o dono da terra dos Cananeus, o deus de tal santuário. Os grandes deuses eram: "Apscum", o deus do abismo; "Jah-tar" a estrela da manhã. . . E, acima de todos havia EL, o deus espiritual, que não era ligado a nenhuma realidade cósmica.

O deus dos nômades era o deus do chão. . . sempre ligado a um grupo itinerante de pessoas. Mudando sempre de lugar, Abraão entrava nas terras de muitos deuses. . . e na terra do Grande EL sem nunca perder a fé no deus de seu chão. Pouco a pouco, por etapas sucessivas, Abraão vai chegar ao Deus universal, identificar o Grande Deus EL dos cananeus e o Deus de sua tribo e quando as tribos vão se unir, este Deus único, será o Deus do Pai Abraão. . . o Deus de nossos pais. . . Abraão, Isaac e Jacó. O chão onde nasceu a vocação, a fé de Abraão está no seu desejo de uma terra, de uma descendência, de uma fé em um Deus comprometido com o seu povo.

### **A Pedagogia Vocacional de Deus com Abraão**

Como Deus vai educar esta vocação na fé? **Deus toma a iniciativa.** Deus chama Abraão "Sai da tua terra. . ." (Gên 12.1) O chamado à fé é uma aventura escura na ori-

gem. Ela se tornou mais clara na medida em que Abraão andou obedecendo à ordem de Deus, vivendo a aventura (Hb 11). Este chamado de Deus não era um fato único, mas cresceu sempre mais. . . levando o Patriarca para frente de uma maneira constante. . . a vida toda se tornou uma marcha na fé. Esta vocação era dom de Deus precedida de nenhum mérito (Jos 24.2).

Ela vai nascer e crescer no chão da vida, mas levou o patriarca a uma total generosidade que se manifestou por uma série de renúncias: separação da família, de Lot (Gên 13), renúncia a todas as alianças humanas etc. . .

### **Deus educa a fé de Abraão nos passos da aventura**

1. Uma primeira vez, depois da coalizão dos 4 reis e do encontro com Melquisedec, Deus anuncia a Abraão a sua futura fraternidade (Gên 15. 1-6). Esta palavra de Deus é um primeiro **convite a confiança**: "Nada temas Abraão! Eu sou teu protetor, tua recompensa será muito grande". Mas o horizonte do Patriarca não vai além da sua vida terrestre e ele responde desabusado: "Senhor Javé que me dareis vós? Eu irei sem filhos". Então a palavra de Deus foi-lhe dirigida nesses termos: "Não é Eliezer de Damasco que será teu herdeiro, mas aquele que vai sair de tuas entranhas" e Deus convidou Abraão a contar as estrelas e disse: "Assim será a tua descendência". **"Abraão confiou no Senhor e o Senhor lho imputou como justiça"** (Rom 4.3). A ação de Deus na alma de Abraão o levou a acreditar numa

posteridade que, apesar das dificuldades, lhe será dada pelo Senhor.

2. O nascimento de Ismael pode ter dado a Abraão a impressão que tal era a realização da promessa de Deus. Deus não concordou e obrigou o patriarca a fazer mais um passo na fé. Deus disse: "Eu abençoarei Sarai e dela te darei um filho. Eu a abençoarei e ela será mãe das nações e dela sairão reis" (Gên 17.16) "Minha aliança eu a farei com Isaac que Sara te dará à luz dentro de um ano" (Gên 17.21). **"Abraão acreditou que um filho podia nascer de um seio estéril pela força de Deus, o autor da vida"**.

3. Isaac nasceu... e Deus quis levar Abraão a dar mais um passo na fé. Disse-lhe Javé: "Abraão, toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac e vai a terra de Moriá, e lá o oferecerá em holocausto" (Gên 22.1-2) Sabemos o que aconteceu, e sabemos o julgamento de Deus que disse a Abraão: **"Agora Eu sei que temes a Deus pois não recusaste teu próprio filho, teu filho único"** (Gên 22.12). Deus reiterou mais uma vez a sua promessa: "Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do Céu e como a areia na praia do mar". Esta promessa não pára em Isaac, ela atinge o povo todo, e, através, da mediação desse povo ela atinge todas as nações (Gên 22.18).

4. O povo que vai nascer de Abraão é o **povo da Aliança... o povo da fé**. Quando chegou em Canaan, Deus disse a Abraão: "Eu sou Javé que te fez sair de Ur dos Caldeus, para te dar esta terra como herança" (Gên 15.7) e o Senhor fez aliança com Abraão: "Eu dou, disse

Ele, esta terra aos teus descendentes desde a torrente do Egito até o grande rio Eufrates" (Gên 15.18). A aliança é dom gratuito de Deus a Abraão, sempre ligado à promessa da posteridade. Deus dá ao Patriarca a circuncisão como sinal desta aliança e lhe promete que sua descendência possuirá a terra de Canaan. Tudo isso é muito importante para um exilado, pai de um povo.

**A fé de Abraão lhe garante:** este povo não pode morrer, porque Deus lhe prometeu que será numeroso, não pode ficar no exílio porque Deus lhe deu uma terra e que a circuncisão é o sinal da sua ligação com Deus.

**Conclusão:** No decorrer desta caminhada Deus pede a Abraão de colaborar. É grande a generosidade que Deus exige do Patriarca... como também a sua constante adesão. A fé de Abraão não poderia ficar passiva... ela é objeto de uma conquista permanente. Para realizar esta constante caminhada na fé, Abraão se apóia sobre uma profunda intimidade com Deus, concretizada de três maneiras diferentes: a Aliança (Gên 17.1-11), a hospitalidade (Gên 18.1-15) e a intercessão (Gên 18.16-33).

## MOISÉS

O livro do Êxodo mostra Deus chamando Moisés para ser o mediador do seu povo. Isso aconteceu mais ou menos em 1250 antes de Jesus Cristo.

### A Vocação de Moisés

Êxodo 2.23-25 disse que: "Deus olhou para os Israelitas e se ocupou

deles..." O Capítulo 3.1-23 conta a vocação, o chamamento de Moisés, podemos resumir assim:

1. Deus se impõe a Moisés para afirmar a sua grandeza, provoca em Moisés, o sentimento da santidade de Deus, provoca a sua adoração (3.1-5).

2. Deus respeita a liberdade de Moisés, e aceita a formulação das suas objeções: incapacidade pessoal (3.11); desconhecimento daquele que o chama (3.13); incredulidade dos Israelitas (4.1); defeito físico (4.10).

3. Deus promete a sua constante presença para exigir a doação total (3.12; 4.12).

4. Deus se revela, se faz conhecer — a fim de iniciar Moisés à grandeza de seu mistério: "Ele é Javé" (3.15) Ele é o Deus de Abraão, Isaac e Jacó... constantemente presente a este povo, "seu povo" (3.13; 4.5s). A vocação de Moisés faz parte do plano geral da salvação do povo.

5. Deus se revela presente no sofrimento do seu povo (3.7-10). É Ele quem vai libertar o seu povo. Ele convida Moisés para tomar parte desta obra de libertação (3.11).

**Podemos concluir:** Moisés foi escolhido para ser o **mediador** entre Deus e o povo que nasceu de Abraão; escolhido para estabelecer a Aliança entre Deus e o povo e dar a este povo uma legislação que lhe permitirá de viver conforme esta Aliança; escolhido para fazer sair os hebreus do Egito e conduzi-los à terra prometida a Abraão.

## O Chão da Vocação de Moisés

Moisés nasceu no Egito de Amram e Jocabed. O casal já tinha um filho mais velho: Aarão (Êx 6.201). O momento em que nasceu Moisés é um momento muito difícil: O povo Hebreu é oprimido. Um novo Faraó estabeleceu sobre os Hebreus feitores para acabrunhá-los de trabalho penoso (Êx 1.11) "Impunham-lhes a mais dura servidão" (Êx 1.13-15). O Faraó deu ordem às parteiras de matar os filhos das mulheres dos hebreus... ordem de jogar os homens no Nilo. Foi neste contexto que nasceu Moisés. Conhecemos a bonita história da sua salvação (Êx 2.1-10). Ela pode significar que Deus sabe fazer entrar no seu plano pessoas contrárias a sua vontade, a filha do Faraó.

### A Pedagogia Vocacional de Deus com Moisés

Na vida de Moisés houve toda uma preparação. É Deus mesmo quem de longe prepara a futura atividade de Moisés.

1. **A Educação de Escriba** — Normalmente um filho de Hebreu não podia receber esta educação. Moisés vai ter os conhecimentos gerais necessários para sua missão de legislador: as noções de lei, de direito que vão lhe permitir de dar uma lei ao povo hebraico. Ele vai conhecer os diversos povos, os regimes políticos e sociais dos povos além do Mar Vermelho.

2. **Quem fez sua verdadeira educação** foi sua mãe e sua irmã (Miryam). Isto é de grande importância. Elas contaram a ele a história do

povo, a história dos Patriarcas: Abraão, Isaac e Jacó... contaram a chegada de Jacó no Egito, a história de José. Progressivamente, apesar da sua educação de Escriba, Moisés toma consciência de pertencer a este povo... Esta convicção vai crescer até levá-lo a optar pelo povo renunciando a sua carreira de Escriba (Êx 2:12).

**3. Ele começou a ver a escravidão imposta ao povo hebreu** — Moisés faz visitas a seus irmãos: foi testemunha de seus duros trabalhos, de seus sofrimentos... e tomou partido... matou o Egípcio que maltratava e o ocultou na areia (Êx 2.11-12). Neste dia se pode dizer que Moisés fez opção entre sua carreira de Escriba a serviço do Faraó e sua fidelidade a seus irmãos, à sua raça.

**4. Ele sofreu quando constatou a divisão dominando o povo hebreu, seu povo** (Êx 2.13-14). Torna-se mais consciente de pertencer a este povo.

**5. Ele teve medo do Faraó** — “Certamente a morte do Egípcio era conhecida do Faraó”. E Moisés fugiu para longe do Faraó. Quando fugiu Moisés tinha no coração um sentimento de injustiça, a opressão dos hebreus. É uma impressão de profunda tristeza: a divisão do povo hebreu diante do Faraó todo-poderoso. Sofrer da injustiça feita a seu povo, a sua raça, e da divisão do povo é um elemento essencial da vocação de Moisés... neste dia nasceu o libertador do povo hebreu.

**6. Ele retirou-se para a terra de Madian** — na realidade Moisés está fugindo... ele tem medo do Faraó.

Ele não está preparado para sua missão. Lá, em Madian ele toma a defesa das filhas do sacerdote de Madian. Casa com Séfora a filha do Sacerdote. O Deus desta família é o Deus de Abraão, Isaac e Jacó... Moisés vai receber nesta família a revelação de Deus... Moisés é pastor, vive dia e noite no deserto: vai meditando a condição do povo, o sofrimento, a escravidão do povo, a história da raça... e a espiritualidade do deserto... povo escolhido... na escravidão... e a sua fraqueza diante da força dominadora do Faraó... o sofrimento é tão grande que Moisés chama seu filho “Gersam” isto é, “um hóspede na terra estrangeira” (Êx 2.22). A vocação de Moisés nasceu neste chão... Foi neste chão que Deus educou Moisés, o libertador e o legislador de seu povo.

## Conclusão

Moisés aceitou totalmente o chamado de Deus, o “sim Senhor” dado a Deus na sarça ardente vai determinar a orientação radical da sua vida. A sua existência toda será condicionada pela sua vocação. Moisés não se pertence mais, não vive mais para si... não pode mais separar a sua vida da realização do plano de Deus. A sua vida toda é religiosa. Podemos notar alguns aspectos:

— Ele tem o sentimento vivo da Santidade de Deus, o que determina nele uma constante atitude de adoração (Êx 3.5-6).

— O que domina na sua vida espiritual é uma Grande e constante intimidade com Deus (Êx 3.13-15; 33.7-11; 34.29-35; Números 12.6-8).

— Moisés não é um sentimental, ele é um contemplativo em constante procura de Deus, animado pelo desejo de conhecer sempre melhor o seu Deus... a partir da situação concreta do povo... e a ele, Deus se revela... “o Deus libertador” (Êx 3.1-5; 33.18).

— Ele sofre da inveja dos seus próprios parentes. Existe uma luta profunda entre seus parentes de sangue e sua família por Aliança. Deus castigou a família e Moisés pediu a Deus a cura e a reintegração de Miryam, sua irmã. Ele sofre da ingrati-dão do povo, (Êx 5.19-21; 14.10-14; 15.23-25; 16.1-3; 17.1-3) Tem a tenta-ção de deixar (Número 14.11-12; 14.20-35).

Em tudo isso Moisés vive um ex-traordinário desapego. Ele não faz a sua obra, mas a obra de Deus... é o homem da missão, a sua vocação.

## **SAMUEL**

A Bíblia apresenta Samuel como filho de Elcana e de Ana, originário de Rama, da Tribo de Efraim. Ana, depois de um longo período de ester-ilidade, obteve um filho de Deus e o consagrou. Samuel, criança serviu no Santuário de Siló, como ajudante do sacerdote Heli. (1 Sam. 2.18-21)

### **Vocação de Samuel**

A Vocação de profeta de Samuel é contada com todos os pormenores na Bíblia (1 Sam 3.1-21). Sua mis-são está situada entre duas épocas em Israel: a época dos juízes e a dos reis. Último dos juízes, ele é

chamado por Deus para ajudar o povo de Deus na fundação da rea-leza teocrática (1 Sam 12.1).

### **O Chão da Vocação de Samuel**

Desde o início do século XI os filisteus procuraram invadir as mon-tanhas onde residiam os Israelitas. Vários encontros se deram e os is-raelitas foram derrotados; a Arca da Aliança caiu nas mãos dos filisteus. Isto provocou uma grande crise re-ligiosa: o Deus de Israel, Deus da guerra santa, parecia vencido. Os filisteus dominaram a maior parte do território, colocaram alguns prefei-tos (1 Sam 1.5) e proibiram aos is-raelitas a profissão de ferreiro para lhes impedir a fabricação de armas (1 Sam 13. 19-22). É neste contexto dramático que o projeto da realeza já sonhado no tempo de Gedeão, voltou ao primeiro plano da atuali-dade. Encontrava um terreno favorá-vel na crise de consciência nacional e religiosa. Samuel foi o homem da transição.

### **A Pedagogia Vocacional de Deus com Samuel**

A crise foi muito sentida por Sa-muel e Deus fez Samuel entrar no sofrimento do povo.

**1. Samuel é sensível ao desejo do povo.** Muitos achavam que as insti-tuições Tribais não correspondiam mais à nova situação. O povo dei-xando de ser nômade, começava uma vida sedentária. A destruição do San-tuário de Siló era considerado como castigo de Deus por causa da cor-rupção dos Chefes religiosos (1 Sam 2.27-32). É necessário, pensa o povo,

dotar-se de um poder estável, reconhecido por todos, capaz de se opor à opressão estrangeira e aos abusos do interior. Os povos vizinhos passando do nomadismo à vida secundária constituíam-se em reino. A monarquia parecia a única resposta adequada. Deus faz Samuel sentir muito esta vontade do povo.

**2. Samuel — homem de tradição — é levado por Deus a escutar o povo.** Existia muitas tensões no meio do povo — A Bíblia mostra estas tensões. Alguns dizem que Javé é favorável à monarquia — É Ele que escolhe Saul como Rei (1 Sam 9.1, 10, 16; 1 Sam 11). Outros dizem que não é Javé quem queria um rei, mas sim o povo (1 Sam. 10-27; 11.12-13). Samuel está por tradição — de acordo com esta última opinião: A fé religiosa afirma que é Javé — e só Ele — o Rei e o libertador do seu povo. O povo de Deus não precisa de um Rei, “como têm as outras nações”.

**3. Mas diante do desejo dos responsáveis do povo, os anciãos de Israel, Samuel consulta Javé.** Todos os anciãos de Israel se reuniram e foram ao encontro de Samuel em Rama. E disseram-lhe: “Tu envelheste, e os teus filhos não seguiram o teu exemplo. Por isso constitui sobre nós um rei, o qual exerça a justiça entre nós...” (1 Sam 8.4-5). Estas palavras desagradaram muito a Samuel (1 Sam 8.6). Mas por fidelidade a Deus ele renunciou as suas idéias tradicionais e se tornou o homem do futuro, ajudando o povo a refletir sobre os inconvenientes da realeza (1 Sam 8.10-22). Depois escolhe o Rei e o sagra (1 Sam 9 e 10).

## Conclusão

A vocação de Samuel não se manifestou de uma vez, mas só no desenrolar do tempo, a partir do sofrimento e das tensões no meio do povo. É neste contexto que Deus orienta e forma o seu profeta.

## ISAIAS

A história de Isaías é a história de um aristocrata que o chamado de Deus vai transformar. É importante ler a história da vocação contada anos depois onde ele traduz em imagem e palavras de seu tempo a sua convicção de ter sido enviado pelo Senhor Javé para uma missão diante de seu povo.

### Vocação de Isaías

Quando Deus chama alguém é normalmente para a conversão e a salvação do seu povo. Deus disse a Isaías: “Vai e dize a este povo...” (Is 6.9). Foi no templo de Jerusalém que Isaías recebeu a Missão de anunciar a ruína de Israel e de Judá como castigo das infidelidades do povo (Is 6.1-13). Trata-se de uma missão quase impossível, ineficaz no momento.

### O Chão da Vocação de Isaías

Isaías nasceu em 765 antes de Jesus. O chamado de Deus tocou Isaías no ano da morte do Rei Ozias, (740 anos antes de Jesus) o povo de Israel entrava num período de insegurança. Joatam ia tomar o lugar de Ozias no trono de Judá. Teglat Fa-

lasar II fazia da Assíria a primeira potência do mundo. O povo de Deus está constante ameaçado de ser invadido. A situação política é dramática. A Assíria ameaça de invadir... o que fazer? Alguns pensam: Fazer uma Aliança Siro-Palestina com o Egito? salvaguardando uma certa independência? Outros acham melhor se submeter a Assíria... são os mais fortes. Outros preconizam uma solução religiosa do problema: defender a fé, o templo, as tradições do povo... O chão no qual vai nascer a vocação profética de Isaías é essencialmente político.

### **A Pedagogia Vocacional de Deus com Isaías**

**1. O homem que Deus chama pertence à Aristocracia do reino.** Nasceu e viveu nos ambientes onde se elabora a política da Nação. Está à vontade com os homens do poder, inclusive com o Rei, gosta das grandes perspectivas, vê e analisa os problemas das nações. Ter importantes responsabilidades é para ele uma coisa natural. Tem autoridade; seu temperamento é feito de domínio e de distinção, mas também de generosidade e espontaneidade.

**2. O encontro de Deus (na sua vocação) não tira Isaías da sua condição de aristocrata.** A partir do lugar onde está, Isaías descobre a vida do povo de Israel consegue ver e denunciar as injustiças do seu ambiente: A corrida ao dinheiro e ao armamento (Is 2.7-8). Os ricos se enriquecem à custa dos pobres (Is 3.14-15). Os ricos que não deixam lugar aos pobres (Is 5.8). Os políti-

cos que elaboram leis injustas (Is 10.1-2).

O chamado de Deus fez de Isaías um homem novo — Ele o aristocrata fica revoltado pela insolência dos grandes, a acumulação das riquezas, a opressão dos pobres. Denuncia também a mentira e a alienação do culto do Templo (Is 1.11-15). Deus espera uma mudança radical dos corações e da sociedade (Is 1.16-17). O Profeta vai orientar estas mudanças por isso Deus o chamou.

**3. As maiores intervenções de Isaías são de caráter político.** É nestas intervenções que vai se constituir e se definir a vocação de profeta. Isaías conhecia o meio dos sábios, escribas e outros conselheiros reais os quais orientavam a política de Judá. Não se priva de criticá-los quando vê que os planos deles não respeitam os planos do Senhor.

a) A sua primeira intervenção na política se deu em 734 antes de Cristo. Os reis de Damasco e de Samaria tinham organizado uma coalizão para fazer barragens à Assíria. Para reforçar o seu potencial militar quiseram obrigar Acaz, Rei de Judá, a entrar na coalizão. Este recusou. Planejaram então liquidar a dinastia de Judá colocando no lugar de Acaz um rei favorável a eles, um Arameu (Is 7.6). Montaram uma operação militar contra Jerusalém. Isto suscitou um pânico. A família de Davi vai perder o poder? Pode ainda acreditar nas promessas de Deus? Isaías convida o povo à confiança, à fé em Deus o que todos temem não acontecerá: “Se não o credes, não vos mantereis firmes” —

“A cabeça” dos reis de Damasco e de Samaria são cabeças humanas enquanto a cabeça de Israel é Jahweh. O rei Acaz pediu a ajuda do rei da Assíria, virando as costas à Aliança de Jahweh, tornando-se vassalo de um rei humano (2 Reis 16.7).

b) O Filho de Acaz, Ezequias tentou libertar-se da dominação Assíria e começou uma reforma religiosa (2 Reis 18.1-7). Para Isaías a salvação está na promessa de Deus feita à dinastia de Davi que reina em Jerusalém e na fé nesta promessa (Is 28.16; 31.5; 32.3) Para se opor à Assíria os políticos procuram fazer Aliança com o Egito. Isaías reage: Uma aliança com o Egito é uma aliança com a morte. (Is 28.18; 31.1) O povo deve confiar no Senhor!

c) Ezequias deixa tentar pela aliança com o Egito. A Assíria invade o território de Judá, 46 praças fortes estão já nas mãos dos assírios que estão cercando Jerusalém. Isaías proclama que a Assíria é a vara do Senhor para castigar o seu povo infiel (Is 10.5). Ninguém podia admitir uma tal afirmação... Com audácia Isaías anuncia o revés do Rei da Assíria e a libertação de Jerusalém (Is 37).

### Conclusão

Isaías é o homem da fé — Para ele, crer é o contrário de ter medo (Is 7) Crer, ter fé, é a condição indispensável para enfrentar os perigos: “Se não credes, não vos mantereis firmes” (Is 7.9). A fé de Isaías, sua ausência de medo, sua audácia, vem da sua consciência de ter um apoio inabalável no Se-

nhor. Para Ele Deus é grande, belo, um pouco terrificante, às vezes incompreensível na sua ação. Deus é o “Santo”, mas o “Santo de Israel” (Is 5.19), isto é, o Deus comprometido com o seu povo, presente na história do seu povo. Não suporta a injustiça, o orgulho, a confiança nas armas, as alianças com o estrangeiro.

A vocação de Isaías é política e a política preconizada por ele está fundada na fé e na confiança em Deus só. A sua missão é fazer o povo acreditar que seu futuro está na construção de uma comunidade de crentes. Sua experiência pessoal lhe dá a entender que só uma minoria aceitará de viver desta fé (Is 8.11-15) e que esta minoria será constituída dos humildes e dos pobres da terra (Is 29.19). Esses pobres formarão o Reino Messiânico — (Is 14.32) que irá além do Reino de Israel (Is 2.2-3; 28.16-17). Nesse reino onde Deus reinará, uma paz extraordinária se estabelecerá (Is 11.6-8). O Messias governará em nome de Jahweh (Is 7.13-14; 9.3-4; 1.1-9).

### A VIRGEM MARIA

O documento de Puebla fala assim: “Maria é Mulher. É “a bendita entre todas as mulheres”. Nela dignifica Deus a mulher elevando-a a dimensões imagináveis. Em Maria o Evangelho penetrou a feminilidade, redimiu-a e exaltou-a. Isto é de importância capital para nosso horizonte cultural, em que a mulher deve ser valorizada muito mais e em que suas tarefas se estão definindo com mais clareza e amplitude.

Maria é uma garantia para a grandeza da mulher, mostra a forma específica do ser mulher com essa vocação de ser alma, dedicação que espiritualiza a carne que encarna o espírito” (Puebla 299/197).

### **A Vocação de Maria**

Deus escolheu Maria para ser a mãe de Jesus. “Ela torna-se mãe do Cristo histórico no Fiat da Anunciação, quando o Espírito Santo a cobre com sua sombra. É mãe da Igreja porque é mãe de Cristo, Cabeça do Corpo Místico” (Puebla 287).

### **O Chão da Vocação de Maria**

No momento da Anunciação, Maria mora em Nazaré a 140 quilômetros, no Norte de Jerusalém. Ela é noiva de José, um jovem carpinteiro, emigrante de Belém. Maria — conforme os costumes do povo de Israel — de casar as moças pouco tempo depois da puberdade — deve ter 14 anos. Irá se estabelecer como esposa na Casa de José só depois da sua volta da casa de Isabel (Lc 1.56; Mt 1.18-25).

Nazaré era uma pequena cidade, de umas centenas de habitantes, longe da Capital, no seio de uma região povoada de pagãos, cheia de tensões políticas. A região onde se organizou o movimento dos Zelotes.

A Casa de Maria era simples, meio gruta e meio taipa, adossada à Colina. Maria tomava conta da casa bem rudimentar, andava descalço com seu jarro para buscar a água na única fonte, sentava-se no chão pa-

ra moer o grão e preparar o pão ou para tecer ou costurar as roupas simples. Era uma moça pobre entre as moças pobres de sua idade. Foi neste chão que Deus chamou e formou Maria para ser a mãe de seu filho Jesus, o nosso salvador.

### **A Pedagogia Vocacional de Deus com Maria**

A preparação longínqua de Maria foi, é claro, a sua concepção imaculada. Mas isso se deu na condição muito simples.

1. O Anjo Gabriel entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1.28). É provável que Maria não entendeu, na hora, o significado excepcional destas palavras. Mas ela ficou intrigada, procurando entender o mistério (Lc 1.29) **Gabriel convidou-a à confiança em Deus.** “Não tenhas medo, Maria! Encontra-te graça junto de Deus” (Lc 1.30). O que quer dizer que ela agrada a Deus de uma maneira excepcional. Com esta palavra do Anjo ela é preparada para ouvir a sua vocação a ser a mãe do salvador.

2. Não se trata aqui de comentar as palavras de Gabriel. O importante é notar a maneira como ele transmite o chamado: Deus respeita profundamente a liberdade de Maria. Considera Maria como uma pessoa que dá seu consentimento na plena consciência. O ato de fé que ele solicita de Maria não tarda a se formular: “Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra!” (Lc 1.38). E o Anjo retirou-se. Sua missão estava terminada. O “Sim” de Maria constitui a

fonte de partida da Redenção que vai se realizar em Cristo. Jesus, que vai nascer de Maria, é o Messias que vem anunciar o Reino de Deus. Maria terá a missão de educar o Salvador de Israel. É ou não é preparada?

3. O Canto de ação de graça na casa de Israel nos revela Maria (Lc 1.46-56). Esse canto é fruto da meditação de Maria no contexto em que ela vive:

a) Da maneira a mais natural Maria começa por louvar a Deus por sua conta (Lc 1.46-48). Ela chama Deus de Salvador. Ele a considerou com benevolência. Ela confessa a sua pobreza espiritual... e a total gratuidade da atenção de Deus e se considera mais favorecida que qualquer mulher no mundo (Lc 1.48).

b) Depois disto Maria canta a Ação de Deus em favor dos humildes, dos pobres (Lc 1.50-53).

Maria atribue à misericórdia de Deus a graça que lhe é dada e a felicidade que terá. A misericórdia de Deus, feita de compaixão, de piedade, de bondade e de ternura, perdura de geração em geração para aqueles que o temem, que guardam a sua aliança, procuram a sua verdade; Maria pertence ao povo dos pobres, daqueles que sofrem e participa da esperança da libertação... Nazaré, na Galiléia, estava sob controle de Roma com Herodes Antipas. Lá nasceu e se organizou o movimento Zelote. O povo de Nazaré espera a libertação. E Maria canta a justiça de Deus. Na frente daqueles que, longe de fazer a sua vontade opõem a sua suficiência, à sua pretensão e

independência, Deus manifesta o seu poder vingador e os reduz a "nada". E Maria precisa duas categorias de orgulhosos atingidos pela justiça divina e os opõe a duas categorias de servidores de Deus beneficiários da misericórdia de Deus: os poderosos e os ricos de um lado; os humildes e os famintos do outro lado. No coração de Maria existe já uma das marcas essenciais do Reino messiânico que será a libertação dos pobres (Is 6.1-3; Lc 14.16-22) e a exaltação dos humildes (Lc 14.11; 18;14).

c) Enfim Maria exalta a Ação de Deus em favor de Israel (Lc 1.54-55). Maria vê nos favores divinos que lhe foram dados a realização das promessas feitas ao povo de Israel. A vinda do Messias é a expressão suprema da misericórdia de Deus que sempre se manifestou no passado. Maria situa a graça que recebeu na história do povo de Israel... é para a salvação deste povo que Deus a chamou.

## Conclusão

Maria está pronta para ser a educadora do filho de Deus... É isso o essencial de sua Missão... e Deus acha que Nazaré é o lugar ideal para preparar a mãe do Salvador.

## JESUS DE NAZARÉ

A carta aos Hebreus afirma explicitamente a vocação de Jesus Cristo.

"Cristo não se atribui a glória de tornar-se sumo sacerdote. Ele, porém, a recebeu daquele que lhe dis-

se: Tu és o meu Filho, hoje te gerei... É aquele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, aquele que o podia salvar da morte e foi atendido por causa de sua submissão. E embora fosse filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento..." (Hebreus 5.5-9). Este texto é muito precioso porque situa a vocação de Jesus de Nazaré. Como nasceu e desenvolveu na consciência de Jesus a idéia de sua vocação? Não o sabemos.

### A Vocação de Jesus

No batismo "o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele e o Pai disse: "Tu és o meu Filho bem amado, em Ti ponho minha afeição". Neste dia Jesus foi confirmado na sua vocação: Ele é aquele que representa na sua pessoa todos os filhos do povo, Ele é o filho único, "bem amado", "eleito". Ele é o herdeiro, encarregado de negociar em nome de seu Pai. Ele é o filho a quem foi dada toda autoridade sobre a terra (Jo 5.27).

No deserto — Jesus vai meditar tudo isto e, a partir do livro do Profeta Isaías, orientar a sua missão. Na sinagoga de Nazaré, na sua terra, ele vai proclamar: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor"... Jesus disse ao povo: "hoje realizou-se essa Escritura que acabastes de ouvir" (Lc 4.18-21).

### O Chão da Vocação de Jesus

Quando Jesus nasceu a Palestina estava sob o domínio de Roma que exercia o controle através do procurador. A Judéia tinha uma certa autonomia, presidida pelo Sinédrio sob a vigilância do procurador de Samaria. A Galiléia — a terra de Jesus — estava sob controle de Roma com Herodes Antipas. Não é possível distinguir o poder civil e o poder religioso. Na Judéia o Sinédrio é também poder político.

Naquele tempo as diversas ideologias provocam fortes tensões — **Os Saduceus** — ideologia da classe dominante, só admitiam as doutrinas elaboradas antes do exílio — Estão bem acomodados com a dominação romana. Antes de tudo são políticos. **Os Fariseus**. Ligados mais a classe média dos Artesãos, são nacionalistas; focalizam no cumprimento da lei a esperança de resolver a questão política. **Os Herodianos** — na Galiléia — são ligados aos Saduceus e sustentam o poder de Herodes, servindo como espiões. **Os Zelotas**, mais presentes na Galiléia.

São antagonistas de coração de tudo quanto fosse estrangeiro, não só em palavras mas em ação violenta e a qualquer risco, mesmo a morte, para se livrarem do Judeu traidor bem como do estrangeiro dominador. **Os Essênios** uma radicalização do farisaísmo — comunidades de Monges no deserto.

Fora dos Saduceus todos os grupos têm em comum a expectativa apocalíptica, isto é, a vinda definitiva de Javé que iria resolver os problemas do povo. No fundo, quem con-

trola o povo são os fariseus porque aprisionam a sua consciência com a lei. O poder se exerce através dos impostos: impostos romanos e impostos do Templo. O Templo é ao mesmo tempo: sede da religião, sede do governo e Banco Nacional. É neste contexto que Jesus de Nazaré tomou consciência da sua vocação, da sua missão.

### **A Pedagogia Vocacional do Pai de Jesus**

O Pai, quis que Jesus, seu filho fosse homem de seu tempo e de sua terra: **um homem situado**. Ele é o enviado do Pai, sempre em Comunhão com o Pai... é neste contexto humano que Jesus recebe a revelação da sua vocação e forma a sua personalidade de Salvador.

1. O meio de vida de Jesus, o ambiente em que Ele vive é a multidão (Mt 4.25; Mc 5.24). Essa multidão é essencialmente da Galiléia... o lugar onde o povo espera a libertação. É neste lugar que o Pai lhe revela a sua missão.

2. Esta multidão de gente pobre é o lugar privilegiado da missão de Jesus — Sempre mais Jesus se solidariza com este povo amaldiçoado, (Jo 7.49) e pretende que esta solidariedade seja o sinal que autentica a missão que recebeu do Pai (Mc 2.17). Nestes dois primeiros pontos podemos perceber que Jesus contesta os políticos da sua terra.

3. A ação de Jesus é situada no meio do povo da Palestina. Ele anuncia o Reino de Deus e esta pregação responde à fé do povo que vive

na esperança da vinda do Reino. Jesus participa desta fé, ele acredita que o Reino pertence ao mundo criado por Deus nesta terra (Mt 6.10). Ele disse que, com a presença e a ação dele, os sinais do Reino já estão presentes no mundo: os pobres, os doentes, os excluídos da sociedade judaica são os privilegiados da sua ação. A ação de Jesus em favor desta gente quer manifestar que o Reino está no mundo para responder às necessidades vitais deles. Foi para isso que o Pai o enviou (Lc 4.16-22).

4. A ação de Jesus perturba; abala a sociedade judaica onde o valor dominante é o prestígio, a riqueza. A boa nova apresentada por Jesus e o anúncio de um novo estado de coisas na terra. Uma nova ordem social onde os pobres não são mais pobres, onde os famintos são saciados e os oprimidos libertados. É neste lugar que Jesus — em constante referência do Amor do Pai pelos pobres, descobre os traços do Reino. O Reino é uma comunidade nova, um novo tipo de sociedade estruturada na terra, muito diferente dos tipos de sociedade deste mundo (Jo 18.36; Mt 20.24-28).

5. A ação e a palavra de Jesus perturbam os grandes e os políticos que dominam a sociedade judaica. Jesus é condenado à morte. Esta condenação foi um ato político. Jesus fez esse ato ser redentor, libertador, assumiu a sua morte, ofereceu a sua vida em resgate do mundo (Jo 10.18; Tit 2.14). Não foi fácil, disse a carta aos Hebreus: “Embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento, e, levado à per-

feição, se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de Salvação eterna, tendo recebido de Deus o

título de Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec" (Hb 5.8-10).

## II — A EDUCAÇÃO DOS CHAMADOS

Na primeira parte quis analisar 06 vocações bíblicas. Tentamos sempre: 1. definir a vocação; 2. mostrar o chão humano em que nasceu e se manifestou; 3. a pedagogia de Deus para educar esta vocação. Em todos os casos se verificou os 04 pontos seguintes:

**1. A vocação é o chamado de Deus** para uma missão determinada no meio do povo. Ela é função da obra redentora de Deus. Ela vem da misericórdia de Deus e tem por fim a Salvação dos homens. A história destas vocações manifesta a graça de Deus que nos foi dada para a salvação de todos os homens (Tito 2.1).

**2. A vocação tem por base a fé** — Existe sempre um mistério na escolha divina. Aquele que é chamado só se pode apoiar em Deus: "Estarei contigo" (Êx 3.12; Lc 1.28; Mt 28.20). Muitas vezes não oferecem os resultados de sua aceitação e a obra realizada não pode ser a sua, mas a de Deus.

**3. A Vocação é vivificada pela esperança.** Nada é impossível a Deus, mas para que a esperança informe a vocação é preciso o despojamento e a aceitação do sofrimento.

**4. A Vocação exige uma resposta generosa** só possível no amor, isto é, a intimidade com Deus e a doação de si mesmo.

Nesta segunda parte queremos estudar como deve se processar a educação dos chamados de Deus. Nosso trabalho de educador nunca deve se opor ao trabalho de Deus. Nossa pedagogia deve entrar na pedagogia de Deus e acompanhar, nunca preceder, a ação do Espírito Santo.

### 1. É Deus quem chama

A Bíblia coloca em relevo a iniciativa de Deus na vocação. No começo de qualquer vocação aparece a manifestação de Deus. Significativo a esse respeito a unção real de Davi, Samuel está convidado, desde o começo a uma atitude passiva. "Jahweh disse a Samuel": "Eu mesmo Te mostrarei o que deverá fazer: Tu ungirás para mim aquele que te disser" (1 Sam 16.3). E Deus se revela, se manifesta àquele que chama, entra em diálogo com sua criatura. A Abraão, Moisés, Samuel, Isaías e Maria, Deus manifesta em primeiro a sua transcendência (Êx 3.5; Êx 34.18-23; 4.14). A esta manifestação da grandeza de Deus corresponde um certo temor do homem que sente sua incapacidade, sua condição de pecador. Deus sempre dá confiança, dá uma graça de paz (Juízes 6,22; Lc 1.13-20). É aqui, uma constante da vocação bíblica. Deus coloca o homem simultaneamente diante de uma dupla coincidência, a impotência da criatura, a onipotência e infinita misericórdia

do criador. É freqüente que Deus encarrega intermediários humanos de transmitir o seu chamado. É importante notar três intermediários essenciais:

**A família** — muitas vezes ela é intermediária da vocação. Notamos isso quando falamos do “Chão” da vocação e da pedagogia vocacional de Deus. (Moisés, Samuel, Isaías, Maria, Jesus). A nota dominante nestas famílias é a generosidade, o viver da fé... um clima de fé empenha a vida familiar, um sentido vivo da grandeza e santidade de Deus... a consciência de pertencer a um povo amado por Deus... são os “pobres de Jahweh” (Sal 112/113 e Canto da Virgem Maria Lc 1.46-55).

**O Ambiente Social** em que vivem os chamados. Deus chama através das necessidades do povo. Não temos direito de desvalorizar este aspecto: O chamado de Deus atingiu Moisés a partir do sofrimento do povo de Israel. Podemos afirmar a mesma coisa a respeito de Samuel, de Isaías, de Maria e Jesus. Temos a tentação de dizer que **hoje**, é a maneira mais comum de Deus chamar. Deus faz os vocacionados entender os clamores do povo.

**A Comunidade** — É na e pela comunidade que existe no mundo a Igreja de Deus que Cristo vivo suscita pela ação do Espírito Santo. As verdadeiras comunidades só podem existir e viver se comportarem uma variedade de serviços; **serviços que favorecem a partilha**, criar laços entre as pessoas, fazer as pessoas se encontrar, escutar, etc. Tudo o que favorece a partilha da vida, dos bens,

da oração, da fé; **serviços voltados para a missão...** o anúncio... etc. e muitos outros ainda que não podemos enumerar aqui. É claro, prestar um serviço na comunidade é servir a Deus (2 Cor 6.4) a Cristo (2 Cor 11.23) aos irmãos (2 Cor 11.8) ... e deste fato responder a um chamado de Deus a uma vocação (2 Cor 3.5).

## 2. Os caminhos da Educação das Vocações

A Pedagogia usada por Deus nas 06 vocações que consideramos neste trabalho nos indica três objetivos principais para a educação dos chamados: o apego, a adesão a Deus e a Jesus Cristo; o compromisso com o povo de Deus; a educação da esperança. Vamos considerar estes três objetivos.

a) **O apego, a adesão a Deus e a Jesus Cristo.** A vocação é sempre um diálogo... um estado permanente de diálogo... onde é Deus quem fala e onde o nosso papel de homem é acolher a palavra de Deus e, a esta palavra, corresponder.

**O primeiro objetivo do educador em matéria de vocação será de despertar a atenção do chamado de Deus, e a sua palavra.** Nas vocações consideradas na primeira parte de nossa reflexão é notável a maneira com que Deus provoca a atenção de Moisés pela Sarça Ardente (Êx 3.4-5) e depois revela a Moisés seu nome inefável antes de o enviar libertar o seu povo. Não basta Moisés saber que é Deus que o envia... a sua missão é iluminada pelo conhecimento pessoal de Deus. Mesma

coisa acontece com Isaías no Templo onde Deus dá ao profeta a graça de contemplar a sua santidade (Is 6.1-8). Quer dizer isto que não basta para a educação das vocações limitar-se a um conhecimento superficial dos mistérios divinos. Os mensageiros de Deus não são embaixadores munidos de poderes mais ou menos estendidos, eles são os instrumentos de uma ação imediata de Deus. Deus está presente neles, agindo por eles (Lc 10.16). É por isso que todas as histórias de vocações bíblicas conportam a afirmação da presença divina, da ajuda de Deus (Êx 3.12; Mt 28.20).

A vocação supõe, além do simples encontro com Deus, uma coabitação com ele (Jo 1.38-39). São Paulo não fica satisfeito com o Encontro de Cristo no caminho para Damasco, mas quis completar por um tempo no deserto da Arábia (Gál 1.17) e chegou a afirmar ter recebido do Senhor mesmo o Evangelho que pregava (1 Cor 11.23). Na base da catequese da vocação é preciso colocar a educação do encontro de Deus e de Jesus Cristo e da oração...

**b) O Compromisso com o Povo de Deus.** Na Bíblia sempre Deus chama para confiar uma missão a serviço do povo de Deus. Jahweh disse a Isaías Junior: "Foi por causa do meu servo Jacó, por causa de Israel, o meu escolhido, que eu te chamei pelo teu nome, e te dei um nome ilustre, embora não me conhecesses. Eu sou Jahweh e não há nenhum outro, fora de mim, não há Deus" (Is 45.4-5). Sempre Deus chama porque quer libertar o seu povo das mãos dos egípcios (Êx

3.8), porque quer colocar o seu povo em possessão da terra prometida (Deut 31.7). Jahweh é o Salvador de seu povo e é em função desta vontade salvífica que chama, uns depois dos outros, todos os seus eleitos, de Abraão até João Batista "lembrando de sua Aliança Sagrada, do juramento que fez a nosso pai Abraão de nos conceder que — sem temor libertos da mão dos nossos inimigos — nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias" (Lc 1.72-75). Na Igreja também disse São Paulo todos os chamados particulares estão ordenados "para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para edificação do Corpo de Cristo (Efes 4.12).

Todas as vocações são necessariamente marcadas por este fato:

**1. Os chamados se identificam ao povo de Deus.** Foi isso, que verificamos na nossa primeira parte. Abraão é chamado, é um chamado pessoal, que pouco a pouco se torna a eleição do povo de Deus e através desta eleição, a salvação de todas as nações (Gên 12.2-3). Toda a vida do patriarca torna-se profética, como se Deus tivesse traçado nela o esboço da história do povo de Israel. A Aliança de Jahweh com Abraão prefigura e prepara a Aliança do Sinai. Moisés salvo das águas anuncia que Jahweh é salvador.

**2. Os chamados se dão ao povo de Deus.** Esta inserção da sua vocação particular na eleição do povo de Deus se traduz por uma dedicação total a sua missão. É isso que São Paulo escreve aos filipenses: "O que era para mim lucro eu o tive

como perda, por amor a Cristo. Mais ainda: tudo eu considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor” (Fil 3. 7-8) e para que não nos enganemos sobre o significado **pessoal e coletivo** da palavra Cristo, São Paulo escreve: “Quanto a mim, de bom grado despenderei, e me despenderei todo inteiro, em vosso favor” (2 Cor 12. 15).

**Etapas Pedagógicas.** Para chegar a esta doação a serviço ao Povo de Deus a Bíblia indica três etapas a nossa pedagogia:

1. Jahweh disse a Moisés: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias” (Êx 3.7). Deus quer que Moisés fique consciente das necessidades humanas e espirituais do povo, sinta nele mesmo estas necessidades, para chegar a entender a ordem de Deus. “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Êx 3.10).

2. Jahweh — antes de dar a Moisés a ordem de ir ao Faraó disse: “Por isso Eu desci a fim de libertar o meu povo da mão dos egípcios, e para fazer daquela terra uma terra boa e vasta...” (Êx 3.8). Isto quer dizer que a descoberta da pobreza do povo não deve ficar só negativa... é preciso no mesmo movimento descobrir a vontade salvífica de Deus. Nunca a Bíblia faz a descrição da miséria material e espiritual da humanidade sem que dentro mesmo da descrição seja afirmada esta verdade “Jahweh é salvador”. É este o sentido do nome de

Jesus: “Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt 1.21).

3. Não devemos esquecer um terceiro elemento: o instrumento providencial desta salvação prometida a todos os homens é **um povo sacerdotal** que Deus, por sua graça, constrói no meio da humanidade. É o povo da Aliança. O tema da Aliança é inseparável do da missão universal. Deus disse a Abraão: “Por ti serão benditos todos os clãs da terra” (Gên 12.3; 22.18). A Jeremias Jahweh declara: “Eu te constitui profeta para as nações” (Jer 1.5). O Servo sofredor — o povo que sofre — recebe a sua missão: “Eu te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra” (Is 49.6). Tudo isso deveria aparecer no cultivo das vocações. Seria errado separar na educação o sentido de Deus do sentido do povo de Deus, educar uma vida cristã só preocupada com a salvação pessoal, da perfeição pessoal. Desde o começo da educação vocacional devemos abrir os jovens sobre o mistério da Igreja enviada em missão ao mundo para a salvação deste mundo.

c) **A Educação da esperança.** Ensinar a encontrar Deus e a coabitar com Ele é o mais profundo da educação da fé. Levar a descobrir a miséria material e espiritual do povo e a se doar para a sua salvação é também o mais profundo da educação da caridade. A esperança tem o seu lugar. O Deus que chama é também o Deus que educa. A pedagogia de Deus passa através dos acontecimentos da vida, dos altos e bai-

xos desta vida, é só consegue vencer aquele que tem esperança no Senhor. É a esperança que dá a humildade, a contribuição, e ao despojamento do seu verdadeiro valor.

### **Humildade**

A humildade é, ao mesmo tempo a medida exata de que somos e a confiança absoluta deste que virá da graça. Depois da Sarça Ardente o diálogo de Deus com Moisés se prolonga muito tempo antes do homem aceitar de entrar na ação que salvará Israel. Moisés está com medo do Faraó, com medo do povo, com medo dele mesmo a tal ponto que quase recusou a Missão dizendo: "Perdão, Meu Senhor, envia o intermediário que quiseres" (Êx 4. 13). Mesma reação de Josué (Deut 31.7-8) e de Jeremias consciente de sua fraqueza (Jer 1.6).

São Paulo vai até dizer que é preciso a nossa fraqueza para que se manifeste em nós a força de Deus (2 Cor 4.7). A consciência de nossos limites deve se completar na certeza que Deus não só chama, mas se compromete e se torna presente àqueles que chama para os guiar e fortificar no cumprimento da missão. São Paulo vai concluir assim: "Eu me comprazo nas fraquezas, nos oprobrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que eu sou forte" (2 Cor 12.10). Todavia vocação é, num certo sentido, uma criação. Isto dá aos que são chamados a garantia que sua fraqueza não é um obstáculo à ação divina, mas pelo contrário, vão encontrar por eles mesmos, na respos-

ta a força de superar a fidelidade ao chamado, a resposta dada ao chamado deve se apoiar não na confiança em si, mas na fidelidade de Deus sempre presente naqueles que ele chama (Deut 31.8; Juízes 6.16; Jer 1.7).

### **Consciência de ser pecador**

O encontro verdadeiro de Deus provoca sempre a consciência de ser pecador. Foi contemplando a santidade de Deus que Isaías tomou consciência de sua inserção num mundo de pecador. "Ai de mim, estou perdido! Com efeito, sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros, e os meus olhos viram o Rei, Jahweh dos Exércitos" (Is 6.5).

O gesto do Serafim purificando os lábios do profeta. Com uma brasa não pode ser separado da consciência de ser pecador: São, apenas, dois momentos de uma mesma graça. Foi isso que aconteceu com São Pedro à margem do lago de Tiberiades, onde o Senhor lhe lembra por uma tríplice confissão de amor a sua tríplice negação (Jo 21.13-17). Nas duas vezes a narração evangélica se termina pelo anúncio da missão "Apascenta os meus cordeiros, as minhas ovelhas" (Jo 21. 15,16,17).

Este chamado à conversão de Pedro é a revelação que não existe vocação que não comporta um chamado à perfeição. A vocação é uma Aliança entre Deus e o homem, numa eleição para o serviço de Deus e de seu povo. Deus convida este homem a participar da graça da Salvação, incorpora a sua obra reden-

tora para que dela lucre e seja o seu testemunho. A vocação é uma "unção espiritual" (Is 61.1) que faz habitar no homem o Espírito de Jahweh (1 Sam 10.6; 16.12) e que requer, como exigência da participação da Santidade de Deus, uma perfeição. Jesus disse a seus discípulos: "Deveis ser perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito" (Mt 5.48).

## O Despojamento

A vocação, na medida em que é consagração a Deus, a serviço de seu projeto de Salvação, ela opera rupturas: Abraão deve deixar sua terra, sua parentela e a casa de seu pai (Gên 12.1). Eliseu deve abandonar seus bois (1 Reis 19.20). Amós foi tirado de seu rebanho por Jahweh (Amós 7.15). Os apóstolos deixam os seus pais, o seu barco, as suas redes... (Mt 4.20) e Jesus disse que é preciso deixar tudo (Mt 19.29) e renunciar a si mesmo (Mt 16.24).

A ruptura é sempre para preparar uma Aliança. E Jesus disse: "Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele vivemos" (Jó 14.23). Se a vocação exige rupturas é porque ela comporta uma escolha de Deus. A vocação exige do homem que ele se coloque entre "os pobres de Jahweh" para quem a renúncia aos bens da terra, não era desprezo das criaturas, mas sim uma preferência dada ao Cria-

dor e a intimidade que ele dá ao homem na sua morada (Sal 27.4).

## Conclusão

Nossa reflexão não tinha a pretensão de ser exaustiva. Só existe uma analogia entre as vocações bíblicas e as vocações que queremos discernir no mundo e na Igreja de hoje. As vocações são sempre marcadas pelas etapas sucessivas da realização do projeto de Deus na história dos homens. Elas estão de tal maneira a serviço da Igreja que sua manifestação e seu objeto evolue com a Igreja mesmo. Esquecer isso seria correr o risco de uma decepção. A Bíblia não pode dizer **tudo** no que se refere a pedagogia da vocação num seminário ou num noviciado.

Mas uma vez admitida esta reserva, só vamos encontrar os caminhos de uma verdadeira pastoral vocacional, na contemplação da pedagogia de Deus. Em torno das Pequenas Comunidades inseridas no meio do povo nascem vocações populares. A pergunta é essa: — A Vida Religiosa vai continuar a ser um processo de transplante? E nunca um processo de nascimento do Chão do povo?

Vamos continuar, seguindo a linha tradicional, a produzir freiras "Classe média" que depois mandaremos nos meios dos pobres? Nossa contemplação bíblica mostrou uma pedagogia divina bem diferente. Seria bom procurar nos inspirar nesta pedagogia na pastoral vocacional.

# MINHA EXPERIÊNCIA NA PASTORAL DE JUVENTUDE

*Quem trabalha com jovens precisa ser presença.  
Estar com eles sem, contudo, ser um deles.  
Quem não é capaz de ficar  
em segundo plano não serve para assessor de jovens.*

**P. Hilário Dick, S.J.**

Brasília, DF

Quando o jovem pergunta porque me tornei padre ou, então, sobre a vocação, sinto-me obrigado a contar coisas simples e velhas da vida que colocam a questão dentro de um clima de "mistério" que se compreende mas não se explica. Volto aos meus 11 anos, para dentro da Escola Rural de Linha João Alves onde o professor Arthur é tudo: além de pai de família, uma espécie de "juiz de paz da roça". Mensalmente passava nesta escola — a caminho da capela São Francisco Xavier — o P. Felix Darup, um jesuíta já idoso, montado numa charrete. A escola ficava num alto. Encolhidos nos bancos fazíamos nossas tarefas quando, de súbito, ouvia-se um grito meio doido, de espantar quero-que-ro. Todos sabíamos:

— É o padre...

E ficávamos um tanto alvoroçados. O padre, na certa, pararia a charrete. Quando ele entrava estávamos todos de pé, dizendo com alma o aprendido desde pequeno:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Lembro-me que um dia, fumando cachimbo longo e cheio de curvas, o P. Felix perguntou à queima-roupa:

— Quem de vocês já pensou em ser padre?

Sei que levantei a mão com a convicção que tinha então e sei que o pai e a mãe o chegaram a saber. Sei que parti para o seminário com alegria mas chorando com aquele jeito de quem sabe que assim "deve ser". Minha vocação, pois, não nasceu num grupo de jovens. Já como estudante jesuíta é que tive experiência nada marcante de final de Juventude Universitária Católica. Estava aí, inclusive, com um outro confrade que ia para as reuniões com um pé para trás. O que tive de experiência juvenil, de grupo, foi o que aprendi no seminário, especialmente na dinâmica que lá se implantava.

Como estudante jesuíta fui tendo, ainda, um outro sonho que não tem

nada (ou pouco) a ver com o trabalho com a juventude: tornar-me, como padre, um crítico literário! Com a destinação dos superiores encaminharam-me, por isso, para a realização do curso de Letras. Acho que me destaquei em alguns aspectos, embora a lingüística nunca tivesse casado com meus entusiasmos. Terminado o curso de Letras comecei a lecionar Literatura Brasileira. Lembro-me de convites para encontros e assembléias de jovens e sentia que me dava bem. Mas meu sonho estava firme nos planos. Quando me ordenei sacerdote era, ainda, professor de Literatura Brasileira. Logo no primeiro ano de sacerdócio, no entanto, fui morar numa paróquia. Ajudava na paróquia, estudava Teologia e lecionava Literatura Brasileira na Universidade. Uma experiência que me marcou, na época, foi a realização de uma Feira de Livros, envolvendo uns 400 jovens, totalmente responsáveis pelo andamento da feira e um levantamento que fizemos na paróquia com a ajuda da juventude. Ter tato com a juventude é algo que não se impõe nem algo que fica claro desde logo. Sei que até há poucos anos nunca tinha sido destinado para trabalhar com a juventude. Os trabalhos com os jovens sempre foram acasos que aconteciam ou eventos que se impunham.

Parti, porém, para a pós-graduação, no Rio de Janeiro. Ao lado dos estudos que fazia com uma dedicação que ainda hoje admiro, não deixava de exercitar meu ingresso no mundo da crítica com artigos mais e menos pesquisados.

Vivíamos, no Brasil, a época de inúmeros tipos de "cursos para jo-

vens" (quem não sabe o que seja "Shalom", "Emaús", TLC, EJC?). Estava na zona sul do Rio de Janeiro e lá funcionava, também, o TLC (Treinamento de Liderança Cristã). Resisti muito à participação. Um dia, no entanto, o senhor Roberto Barbieri, membro da Coordenação da Pastoral de Juventude do Vicariato me procurou:

— O padre que trabalhava conosco na Coordenação vai embora e estamos à procura de um substituto. Estou aqui para convidá-lo em nome de toda a equipe.

Pedi tempo e marquei limites. Contanto que não fossem prejudicados meus estudos. . . Após certo tempo, porém, o trabalho começou a me envolver, os trabalhos ficaram cada vez mais numerosos, a presença era exigida de muitas formas e — sem relaxar nos estudos que fazia — vi-me como coordenador da Pastoral de Juventude do Vicariato Sul, do Rio de Janeiro, vi os grupos se articulando e a juventude se animando numa caminhada precária, mas comum. Até os outros Vicariatos vieram pedir ajuda. Já chegava, contudo, o tempo de voltar para o Sul. Uma dúvida começou a me intrigar:

— Como professor e pesquisador de Universidade poderei ser o padre que estou conseguindo ser aqui?

Os jovens (principalmente os mais líderes) questionavam:

— Voltando para o Sul, o que vais fazer? Como professor vais ser o quê? É este o sacerdócio que desejas? Tu não és para isso. . .

Este questionamento, na maneira sincera e firme como era feito, pene-

trou em mim progressivamente. Vi-me realizando discernimentos para ver mais claro. O resultado, um tanto chocante para alguns, foi o de voltar para a Universidade com a disposição de trabalhar com os universitários, mas não como professor. Foi o que fiz de forma generosa.

O modo de ser e a convivência diária com os universitários (e seus problemas) puseram-me em contato com realidades ante as quais não podia calar. As dificuldades foram tantas que chegou um dia que saí da Universidade e fui destinado pelos superiores para planejar uma "Casa da Juventude". Foi meu ano de deserto, de descoberta e planejamento. O resultado foi, no entanto, a fundação do Instituto de Pastoral da Juventude, em Porto Alegre, assumido por diversas Congregações Religiosas. Um trabalho que não deixei, desde este tempo da Universidade, e que não me deixaram largar, é o trabalho com universitários que, desde 1978, começaram a se articular, através de suas práticas, em todo o Brasil. Há pequenos grupos espalhados, praticamente, em quase todos os grandes centros universitários do país. Sei que é um germen, mas vejo que a metodologia de trabalho empregado, a revisão de vida vivida e incentivada, a busca de uma espiritualidade relacionada com a prática não vai deixar de produzir frutos cada vez mais significativos.

Se for para dizer algo de minha vivência com a juventude devo dizer que o que sei de Pastoral de Juventude aprendi com os jovens, com a Teologia que eles me fazem ler e atualizar e com os encontros que assisti e provoquei de gente que tra-

balha com a juventude. Admiro e temo os "carismáticos" criadores de cursos para jovens que, vendo os resultados relativamente fáceis de algumas técnicas e de um certo entusiasmo coletivo, se fecham e não se dispõem a discutir com outros a sua prática. Um trabalho que não cultive a revisão contínua e saiba criar uma verdadeira memória histórica relacionada com a caminhada do povo não é transformador.

Aprendi que é preciso ser autêntico. "Autêntico" é um termo muito usado pelo jovem. É preciso ser autêntico como padre e autêntico nos sentimentos que tem. "Autêntico" pode ser sinal de humildade: que se irrita, que se alegra, que reconhece seu erro; que luta por suas idéias mas é capaz de assumir, também, as dos outros.

Quem trabalha com jovens precisa ser presença. Procurar estar com eles sem, contudo, ser um deles. Presença nos momentos mais variados. Quem é capaz de só fazer reuniões (ou palestras) ou quem não é capaz de ficar em segundo plano, como padre ou adulto, não serve para assessor de jovens. A experiência mais dura de "assessor" estou experimentando com os universitários. É preciso ter uma coluna vertebral e, contudo, não impor. É preciso saber esperar, agüentar que errem, mas não desistir. O jovem sente quando o adulto acredita nele.

Um outro aspecto que vou aprendendo: ter tempo. O jovem é chato nesta exigência tão difícil. Acho que por aí está uma das falhas mais sérias da Pastoral de Juventude. Não é que o jovem queira absorver; ele

precisa mesmo de uma convivência maior. Estou quase certo que o jovem não recebe o tempo do adulto, do assessor e do educador porque, no fundo, não se acredita nele. A liberação de pessoas para a juventude, por que não acontece?

Uma outra qualidade para o assessor de jovens é que ele tenha uma proposta global de vida e de organização da sociedade. O trabalho com a juventude cresce no agente na medida em que ele for capaz de colocar seu trabalho dentro de uma proposta ampla, superando o transitório da juventude sem, no entanto, deixar de dar atenção àquilo que é transitório. A prática do jovem nunca é transitória. Nisso ele é igual ao homem adulto. O triste é que, na maioria das vezes, só sabemos sugerir ou propor aquilo que é passageiro e não preparar, de fato, para a vida. A discussão que está havendo, em todo o Brasil, sobre os "meios sociais" enfrenta este problema na raiz.

Houve um tempo em que me custava compreender porque a maioria dos pastoralistas mais corajosos não vibrava com a Pastoral de Juventude. Isso me fazia sofrer e me deixava intrigado. Hoje, creio, as coisas estão mudando. Por quê? Simplesmente porque a Pastoral de Juventude está deixando de ser uma brincadeira pastoral passageira e está amadurecendo uma proposta ao mesmo tempo religiosa, política, pedagógica, teológica e espiritual. A discussão da Pastoral de Juventude segundo os meios sociais vai produzir, ainda, grandes debates e é nela que se esconde uma proposta que vai envolver, sem dúvida, milhares

de militantes cristãos capazes de darem sua vida e de serem verdadeiro sal e fermento na sociedade. É esta esperança que me anima. É esta uma das alegrias que vejo acontecer de norte a sul do país. A superação de grupos de jovens indeterminados e genéricos, sem referência nenhuma ao que sucede em seu meio social, é um dos grandes desafios não só da Pastoral de Juventude mas da pastoral da Igreja. Vai ser uma luta insana mas acredito que a evidência vai se impor. Está em jogo, no entanto, um modo de ser Igreja que seja coerente com a opção pelos pobres e, por isso, pelos jovens empobrecidos. Quem não fizer esta opção é evidente que relutará a uma de suas conseqüências.

Enfim, a importância de ser um comprometido pela causa do jovem. Quem deseja assessorar um grupo de jovens deve estar comprometido com eles e não ter esta missão como algo accidental. Ou ele está inserido no "meio" que acompanha e vive ou ele vai sentir-se, sempre, um pouco por fora. Mesmo no caso dos "movimentos" o assessor deve estar, de fato, na profundidade do carisma e na profundeza da missão conjunta da Igreja.

A curta experiência de Pastoral de Juventude que tenho me ensinou, repito, que o assessor que não se encontra com outros assessores e não faz esforço para provocar estes encontros para discutir, alegrar-se, rever e crescer, está (mesmo sem querer) manipulando o jovem. Está fazendo da Pastoral de Juventude um triste trampolim de envaidecimento, ou então, de insegurança disfarçada.

# DOM PEDRO MARIA DE LACERDA E A VINDA DOS SALESIANOS PARA O BRASIL

*“Querido Dom Bosco: Quanto me custa dizer o último adeus a minhas esperanças de quatro anos. No paraíso terei o prazer de viver com Dom Bosco e os seus salesianos. Lá não haverá mais filhos teus e filhos meus. Até a vista no céu”,  
(carta de Dom Lacerda em 13 de abril de 1881).*

**Prof. Riolando Azzi**

Rio de Janeiro, RJ

Neste ano de 1983 a congregação salesiana celebra um centenário significativo: a implantação da obra de Dom Bosco no Brasil. Vindos para a América do Sul em 1875, a primeira terra em que aportaram os novos missionários de Dom Bosco foi o Rio de Janeiro. Nessa oportunidade, tiveram um primeiro encontro com o prelado **Dom Pedro Maria de Lacerda**, o qual se tornou em seguida um verdadeiro promotor da vinda dos salesianos para a diocese fluminense.

Tenho ressaltado em estudos anteriores a importância de movimento reformador no século passado, encetado sob a liderança do episcopado brasileiro (1). D. Lacerda foi um dos bispos destacados desse movimento, cuja atuação merece um enfoque particular, pois a ele se deve, entre outros aspectos, a importante contribuição de **haver trazido** para o Brasil **os primeiros religiosos** da congregação salesiana em 1883.

## **I — D. PEDRO MARIA DE LACERDA, BISPO REFORMADOR**

O movimento brasileiro de reforma católica teve no século passado três pólos propulsores principais: a diocese de Mariana, a diocese de São Paulo e as dioceses do eixo Belém-Bahia. D. Lacerda vincula-se ao primeiro centro, constituído sob o governo de D. Viçoso (2).

### **Discípulo de D. Viçoso**

Uma das características principais do bispo de Mariana D. Antônio Ferreira Viçoso foi formar uma verdadeira escola para preparar colaboradores e sucessores, visando o prosseguimento do movimento reforma-

dor por ele dinamizado. Dentre seus discípulos, três nomes merecem um destaque particular Luís Antônio Santos, primeiro bispo de Fortaleza, João Antônio dos Santos, primeiro bispo de Diamantina e Pedro Maria de Lacerda.

Nascido no Rio de Janeiro em 1830, Lacerda foi enviado desde menino ao colégio do Caraça, em Minas Gerais, sob a direção dos Padres da Missão. Aos 12 anos tinha terminado o estudo de latim, e aos 18 o curso de filosofia e teologia no seminário de Mariana. Formou-se à escola de D. Viçoso, de quem foi designado fâmulos desde quando este assumiu o governo da diocese de Mariana em 1844. Pedro de Lacerda tinha então 14 anos.

Não era ainda sacerdote quando foi enviado para terminar os seus estudos em Roma. Doutorou-se em teologia no Colégio Romano em 1849. Voltando ao Brasil, foi designado professor do seminário, e em seguida cônego da catedral de Mariana. Que Pedro de Lacerda tenha sido um excelente discípulo de D. Viçoso, atesta-o o próprio bispo de Mariana em carta que lhe endereçou posteriormente, por ocasião do início da questão religiosa:

“Tenho pena de o ver assim abocanhado, eu que o conheço desde criança como meu familiar em minhas visitas pastorais por muitos anos, até que seu bom pai e meu amigo o mandou formar em Roma em ciências eclesiásticas. Vindo daí, lhe deu Sua Majestade uma cadeira de cônego na catedral de Mariana, sendo ao mesmo tempo mestre em diversas aulas do meu seminário.

Não me lembro que tivesse jamais ocasião alguma de o repreender, nem que o encontrasse ocioso, mas sempre ocupado no magistério ou com os seus livros, os mais seletos e úteis, e não poucos” (3).

### **Na sede episcopal do Rio de Janeiro**

Já em 1860 D. Antônio Joaquim de Melo, bispo de São Paulo, solicitara ao governo imperial a nomeação do cônego Pedro Maria de Lacerda como seu coadjutor com direito à sucessão. Promotor do movimento de reforma na diocese de São Paulo, D. Antônio J. de Melo mantivera sempre grande admiração por D. Viçoso: daí ter solicitado um seu discípulo para colaborador na atividade pastoral.

Com a morte do bispo de São Paulo em 1861, a idéia não chegou a ser concretizada. Não obstante, em fevereiro de 1868 o cônego Lacerda foi nomeado bispo do Rio de Janeiro. Já naquela época era uma sede episcopal de importância particular, pois o bispo automaticamente passava a ser considerado capelão-mor da Corte. O Rio de Janeiro, aliás, era desde então considerado como uma possível sede metropolitana.

Dotado de caráter extremamente tímido, o cônego Lacerda hesitou muito antes de aceitar o novo cargo. E só o fez em força do apoio e incentivo de D. Viçoso. Dos três discípulos de D. Viçoso era quem recebia a missão mais árdua, pois assumia o governo de uma diocese já muito antiga e sob a influência direta da Corte, cujas tendências regalistas eram notórias.

Acresce que o antecessor de D. Lacerda, D. Manoel do Monte, homem de vasta cultura, era acusado de tendências galicanas e jansenistas, tendo a Santa Sé colocado no Índice dos livros proibidos um tratado de moral por ele elaborado para servir de texto nos seminários eclesiásticos. Não obstante, ao assumir a diocese, D. Pedro de Lacerda dispôs-se a implantar o espírito da reforma católica, em moldes análogos à atuação de D. Viçoso na diocese de Mariana.

Ainda no início do seu governo diocesano D. Lacerda participou do Concílio Vaticano I, representando também a D. Viçoso, impossibilitado de viajar por razões de saúde. Como o bispo de Mariana, tinha também ele diante dos olhos como modelo a frei Bartolomeu dos Mártires, o bispo reformador da arquidiocese de Braga, em Portugal, na época do Concílio tridentino. Ao voltar de Roma em 1870, D. Lacerda comunicava a notícia da possível beatificação de frei Bartolomeu dos Mártires, nestes termos:

“Com muita satisfação minha, estando eu em Roma no Concílio Vaticano I, vi que em Roma o nosso grande bracarense andava em louvor, e que muitos mostravam desejos de que Deus permitisse verificarem-se todas as condições precisas para que durante o Concílio Vaticano pudesse ter lugar pelo menos a beatificação desse esclarecido arcebispo, um dos mais brilhantes luzeiros do Tridentino, e o único dos padres desse concílio cuja canonização se trata desde muito. Deus permita que o mestre de vida espiritual do célebre cardeal S. Carlos Borromeu (a quem o Bracarense enviou o **Stimulus Pastorum**)

e o grande amigo de São Pio V. seja venerado sobre os altares ao lado do discípulo e amigo” (4).

## A colaboração dos religiosos

Movido pelo exemplo de Bartolomeu dos Mártires, e de seu próprio mestre D. Viçoso, Lacerda empreende a reforma espiritual de sua diocese, valendo-se especialmente da colaboração dos religiosos. Desde a infância convivera com os Padres da Missão, mantendo mesmo forte atração para com o ideal religioso, o que lhe dificultava de certo modo a atuação numa diocese tão complexa em seus problemas como era a do Rio de Janeiro. Eis como Ferreira dos Santos traça o perfil do bispo Lacerda:

“Era de caráter naturalmente retirado e concentrado, grave e sério, acostumado desde moço à meditação e ao silêncio. Pouco afeito aos divertimentos ruidosos e principalmente aos profanos e frívolos, parecia mais destinado à vida cenobítica e contemplativa do que para a ativa de Pastor de almas. Sentia um prazer imenso de viver no meio dos religiosos, como os lazaristas no Seminário de São José, e do Rio Comprido, dos capuchinhos no morro do Castelo onde passava semanas; ou dos jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo e de São Luís em Itu” (5).

Na diocese do Rio existiam ainda membros das antigas ordens religiosas: franciscanos, beneditinos e carmelitas. Mas os conventos estavam em decadência, e ofereciam pouco apoio às intenções reformadoras do prelado. Seus vínculos maiores ao chegar à diocese eram com os capu-

chinhos italianos, então instalados no morro do Castelo. Já na última década do período imperial estabeleceram-se na diocese jesuítas e salesianos, outros colaboradores importantes. Quanto aos Padres da Missão, ocupavam-se inicialmente da capelania da Santa Casa de Misericórdia, confiada aos cuidados das Filhas da Caridade. Preocupado especialmente com a reforma do clero, o bispo solicitou a presença deles na direção do seminário.

### Reforma dos seminários

Um dos aspectos básicos do movimento reformador foi procurar estabelecer no Brasil um clero em moldes, especialmente mediante a reforma dos seminários. Tendo vivido ao lado de D. Viçoso, Lacerda aprendera exaustivamente essa lição. Desse modo, apenas nomeado bispo, uma de suas primeiras preocupações foi a formação do clero. Instituiu assim o curso teológico no Seminário São José, e transformou o estabelecimento do Rio Comprido em Seminário Menor, confiando ambos à direção dos Padres da Missão. O início dessa atividade dos lazaristas é assim descrito num relatório elaborado pelo padre Paulo Delamazure:

“Quando os Padres da Missão, chamados pelo Exmo. D. Pedro Maria de Lacerda, vieram em 1869 tomar posse do seminário do Rio de Janeiro, capital do Brasil, encontraram reunidos os seminaristas maiores e menores. Sendo necessário uma reforma, estabeleceu-se de acordo com D. Lacerda, de abrir apenas os cursos inferiores do seminário me-

nor. Deixou-se, porém, aos alunos de teologia a faculdade de continuar seus estudos e de se fazer ordenar. Mas apenas dois ou três perseveraram; os outros deixaram o Seminário.

“É, pois, 1869 a data da fundação do Seminário Menor do Rio. Tendo consultado o Pe. Michel Sipolis, Superior do Seminário, o bispo decidiu que os cursos do seminário menor durariam seis anos, e que se seguisse o curso completo de estudos de línguas antigas, de história, geografia, ciências matemáticas e físicas, é necessário acrescentar a história do Brasil, o estudo do francês e do inglês”.

Característica importante da reforma é a segregação dos seminaristas menores com relação a outros jovens que mantivessem outros ideais. Prossegue Delamazure:

“Talvez não seja inútil acrescentar que, combatido por muitas pessoas em sua idéia de não receber no pequeno seminário os meninos decididos a seguir outra carreira diversa do estado eclesiástico, o superior escreveu ao nosso venerando Pai, Padre Étienne, de s.m., e eis qual foi a sua resposta: “Eu abençôo também vossa idéia de querer ter um verdadeiro seminário menor, e a não vos ocupar senão de preparar bons padres para o Brasil, que tanto necessita. Aprovo plenamente vosso pensamento, e não duvido que o bom Deus vos abençoe. Estou feliz em saber que é também o pensamento do vosso venerável bispo. É a obra de nossa vocação. Temos a graça para que tenha êxito em nossas mãos, se nós a realizarmos no espírito de São Vicente” (6).

Assim, pois, como já em outras dioceses do Brasil, também no Rio de Janeiro os lazaristas assumiram a direção dos seminários, e se preocuparam em preparar os futuros sacerdotes dentro dos moldes tridentinos. Para isso adotaram a criação de estabelecimentos fechados, dedicados exclusivamente à formação de jovens candidatos à vida clerical. A inovação, como em outros lugares, provocou fortes reações: mas não impediu a adoção das novas medidas reformadoras.

### Luta contra a maçonaria

Uma das características de D. Lacerda é a fidelidade à Santa Sé, dentro do espírito romanista que tanto lhe fora inculcado na escola de D. Viçoso. Esta aliás, é uma nota distintiva dos demais bispos reformadores. Com o movimento de unificação italiana e a conseqüente invasão dos estados pontifícios, culminando com a tomada de Roma em 1870, os vínculos de união do episcopado com o Romano Pontífice se estreitam ainda mais. Em uma de suas cartas pastorais, em que defende a soberania temporal do papa, o bispo do Rio de Janeiro cita explicitamente uma publicação de D. Macedo Costa, com estas palavras: "Sobre esta matéria não conheço em português e escrita no Brasil obra que se possa comparar com a que escreveu o preclaríssimo sr. bispo atual do Pará, antes de ser confirmado, mas já nomeado para a diocese que com tanta dignidade rege. O título é **Pio IX Pontífice e Rei**, exame das principais objeções contra o poder temporal do papa, edição impressa na Bahia em 1860" (7).

Não apenas os bispos reformadores estavam preocupados em defender os direitos do papa, mas sobretudo em aplicar suas diretrizes. Os últimos pontífices haviam feito reiteradas condenações à maçonaria, e Pio IX renovara essas declarações. Em vista disso, D. Lacerda não hesita em tomar uma atitude intransigente quando se apresenta a oportunidade. Em 1872, portanto, declara suspenso de ordens o padre Almeida Martins, por ter sido orador numa solenidade maçônica. Provavelmente não previa ele a forte reação que esse ato provocaria. Por sua formação anterior, não podia supor as implicações políticas dessa medida. Levantou-se assim uma onda de protestos por parte das lojas maçônicas contra a Igreja.

D. Viçoso solidarizou-se imediatamente com o bispo do Rio de Janeiro, escrevendo-lhe:

"Agora me dizem que V. Excia. castigou com as penas da Igreja um sacerdote maçon, e que isso exacerbou as lojas, que têm perseguido pela imprensa V. Excia. quanto podem, e imprimiram uma apologia da seita maçônica, reproduzindo nela quanto nos tempos passados se tem dito contra os papas e jesuítas, etc., sem contudo reproduzir as respostas perentórias com que se lhes tem feito tapar a boca, como é costume desses senhores nossos adversários".

E acrescenta em seguida:

"Muito de boa vontade, e me parece que em companhia de todo o episcopado brasileiro aprovo e louvo o seu proceder no castigo desse

infeliz sacerdote. Ele se lembre que ninguém na hora da morte se faz maçom, antes muitos nessas horas das luzes têm abjurado à seita, reconhecendo o seu erro. A V. Excia. dou os parabéns pois Deus o escolheu entre os bispos do Brasil ao ser o primeiro martirizado pela defesa da verdade. Continue impávido. Deus está com sua respeitável pessoa. Se lhe parecer prudente que esta se publique o poderá fazer, assim como o folheto que redigi com o título **Juízo sobre a maçonaria**, resultado da leitura dos sábios, que consultei sobre a matéria” (8).

Lacerda, portanto, se apresenta desde o início como um defensor das diretrizes romanas e dos direitos eclesiásticos, bem dentro da mentalidade ultramontana e anti-liberal, típica da Santa Sé no século passado.

### **Atitude ambígua da Santa Sé**

Nos anos seguintes, a questão religiosa agravou-se em face da atitude intransigente de D. Vital, bispo de Pernambuco, e de D. Macedo Costa, bispo do Pará, com relação à participação de maçons nas confrarias religiosas. Tendo em vista os direitos do Padroado, o governo imperial decidiu pela condenação dos bispos, acusados de terem exorbitado em seus poderes. Lacerda, evidentemente, apoiou de início seus colegas de episcopado.

Mas a notícia divulgada pelo barão de Penedo sobre o breve que lhe fora apresentado pelo cardeal Antonelli, secretário de Estado de Pio IX, segundo o qual o papa aconselharia mais prudência aos bispos prisioneiros, fez com que o prelado do Rio de Janeiro mudasse a sua

atitude. Em última análise, sua preocupação não era tanto a legitimidade em si da luta contra a maçonaria, mas sim a fidelidade às diretrizes pontifícias. Em consequência, D. Lacerda deixou de dar apoio aos dois bispos implicados mais diretamente na questão religiosa. Em um importante documento apresentado à Santa Sé em 1877 D. Macedo Costa comentava com amargura a mudança de atitude do episcopado brasileiro, sob a influência de D. Lacerda:

“As novas do sucesso da missão Penedo, de um breve que este afirmava ter-lhe sido lido pelo cardeal Antonelli, breve que começava, dizia ele, por estas palavras: **Gesta tua non laudantur**, pelo qual os dois bispos eram taxados de imprudentes e recebiam a ordem de restituir às confrarias o seu antigo estado, estas novas, espalhadas por toda a parte com a rapidez do raio, frearam de repente o movimento generoso de que falamos anteriormente. Temendo comprometer-se ao mesmo tempo com Roma e com o governo, os bispos recuaram todos, e as medidas que iam tomando foram deixadas de lado... O bispo do Rio de Janeiro dizia a todos: O papa não quer que façamos nada contra a maçonaria. É preciso obedecer ao papa. Ele reprova e condena a conduta dos dois bispos prisioneiros”.

E o bispo do Pará conclui:

“Pode-se imaginar todo o mal que isto devia produzir...” (9).

Toda a força de união dos bispos estava na fidelidade à Santa Sé. A atitude ambígua do Vaticano deixa completamente desorientado o epis-

copado. D. Lacerda influencia sobre o ânimo de D. Viçoso de Mariana e de D. Luís Antônio dos Santos, do Ceará, e ambos também recuam. Em sua Memória, D. Macedo Costa assim descreve a retirada desses bispos que tanta coragem haviam demonstrado no início da questão religiosa:

“O bispo de Mariana, com o qual foi ter o bispo do Rio, não deu prosseguimento à ordem anteriormente dada aos párocos de examinar se havia maçons em suas confrarias, a fim de que fossem afastados... Pois o bispo do Rio dizia a todos: “O Papa não quer que façamos nada contra a maçonaria. É preciso obedecer ao Santo Padre. Ele reprova e condena a conduta dos bispos prisioneiros”. Todo o ardor que esse prelado manifestou no começo da luta, abandonou em seguida. Uma carta pastoral que ele começara a publicar no jornal católico **O Apóstolo**, ficou inacabada até agora”.

E após elencar diversos exemplos de manifestações públicas da maçonaria, na área religiosa, sem que D. Lacerda tomasse qualquer atitude, Macedo Costa acrescenta:

“O bispo do Ceará está plenamente de acordo com o do Rio. Sua diocese foi teatro da propaganda mais ímpia e ele não disse uma palavra... O Vigário Capitular de Mariana (intimamente ligado ao bispo do Ceará e ao do Rio, pois o

primeiro estava então em Mariana), publicou uma carta pastoral sobre a última encíclica **Exortae iis in dictionibus**, onde dizia que a intenção do Santo Padre, expressa na encíclica, era que a reforma das confrarias não se realizasse senão de acordo com o governo civil”.

Prossegue ainda ao prelado:

“Estes fatos são suficientes para ver a verdadeira situação do episcopado do Brasil, completamente levado à inação, a uma verdadeira condescendência excessiva com relação ao governo, de que resultou a servidão da Igreja e a influência considerável da seita no país. Hoje não existem apenas alguns bispos fracos, mas há também os que erigem esta fraqueza em princípio, e que dizem abertamente a todos: ‘Não é necessário fazer nada, a fim de nos collocarmos de acordo com as intenções de Roma’”.

Esta última alusão referia-se diretamente ao prelado Lacerda. D. Macedo Costa termina com estas palavras:

“Infelizmente, e o digo com o coração repassado de tristeza, a conduta de certos representantes da Santa Sé não foi sempre favorável a levantar o ânimo dos bispos, e a lhes indicar a verdadeira linha de conduta com relação à maçonaria” (9).

Não obstante tudo, os bispos condenados foram anistiados em 1875, sob o gabinete Caxias.

## II — A VINDA DOS SALESIANOS PARA O BRASIL

A implantação da obra salesiana no Brasil deveu-se de maneira especial à solicitação de alguns bispos

brasileiros, destacando-se nesse sentido o empenho do prelado do Rio de Janeiro. Foi graças a seus insisten-

tes pedidos que D. Bosco decidiu enviar seus filhos e discípulos a este país sul-americano.

### **Primeiras visitas dos salesianos ao Bispo Lacerda**

Tudo parece indicar que até o ano de 1875 o bispo do Rio de Janeiro desconhecia totalmente a existência de D. Bosco e da obra salesiana. Foi apenas no final desse ano que D. Lacerda entrou em contato com o primeiro grupo de discípulos de D. Bosco. O cronista da obra salesiana no Brasil, Luís Marcigaglia, assim descreve esse primeiro encontro:

“Em 7 de dezembro de 1875, entrou o **Savoie** na magnífica baía da Guanabara, ficando os missionários literalmente deslumbrados com aquela magnificência, com aquela grandiosa beleza inédita. No dia seguinte, 8 de dezembro, os **Padres Salesianos** tomaram um bote — o navio naturalmente ficava ao largo — saltaram no cais Faroux e foram ao palácio da Conceição em visita a Dom Lacerda. . . É difícil dizer a alegria e a extrema bondade com que foram recebidos. Não se cansava de pedir notícias de Dom Bosco, de sua saúde, de suas obras, do que tencionavam eles fazer na Argentina. Quando seria a vez do Brasil? Mas era forçoso partir. Despediu-os com uma bênção paternal e afetuosa” (10).

Nem tudo é muito exato na descrição de Marcigaglia. Na realidade, o encontro com o bispo realizou-se no mesmo dia da chegada, 7 de dezembro. Além disso, convém ressaltar que o bispo teve duas atitudes diversas com relação aos salesianos.

De início, mostrou-se reservado e suspeito, julgando-os membros do clero secular. Somente manifestou-se cordial com eles quando veio a saber que pertenciam a uma congregação religiosa (11).

Durante o correr de 1876 foi preparada a segunda expedição de missionários salesianos destinados à Argentina. Partindo de Turim em novembro, também este grupo fez escala no porto do Rio de Janeiro. O historiador dos salesianos Eugênio Ceria assim descreve o segundo encontro tido com o bispo Lacerda:

“Os missionários da Argentina tocaram a capital do Brasil no dia 6 de dezembro, após uma felicíssima viagem. Descidos à terra visitaram, como já nos que os haviam precedido um ano antes, o bispo do Rio de Janeiro, D. Lacerda, e lhe apresentaram os cordiais obséquios de D. Bosco. O digníssimo pastor os abraçou com ternura; em seguida, ao ouvir que também eles iam para Buenos Aires, acrescentou em tom de angústia: “Sempre para Buenos Aires? Tenho em minha diocese mais de quarenta paróquias vastíssimas sem padre algum; lá se nasce, se vive e se morre, Deus sabe como. E por que vocês vão todos para Buenos Aires? . . . Mas digei-me o que devo fazer para ter algum de vós! Eu sonhava com um instituto de aprendizes nesta cidade; mas o Governo não quer frades. . . O Senhor me inspirou chamar os salesianos, pois apenas eles podem ser aceitos, quer porque dedicados à instrução da juventude pobre, quer porque o seu fundador teve o santo, astuto e providencial pensamento de não dar a

seus filhos nenhum distintivo que os diferenciasses dos padres seculares”. O padre Brodato o confortou, prometendo-lhe que pelo Rio de Janeiro passaria o padre Cagliero, com o qual o bispo poderia iniciar os entendimentos. “Está bem, respondeu o bispo, no entanto eu começo a falar com quem está aqui presente, pois o senhor, como o padre Cagliero, deverá certamente escrever ao superior geral dos salesianos, e assim ganho tempo”. O bispo queria que ficassem para o almoço. Mas eles deviam voltar para o navio. Viu-os partir com a alma em pranto” (12).

João Cagliero, designado como primeiro superior dos missionários na América do Sul, não fez escala no Rio de Janeiro, conforme estava previsto.

Mas as boas notícias dos salesianos que haviam passado pelo Brasil começaram a interessar D. Bosco. Por isso, a 13 de fevereiro de 1877 ele escrevia a Cagliero:

“Se do Brasil ou do Paraguai te fizerem pedido formal de missionários, podes aceitar com estas duas condições: 1.º auxílio para as múltiplas despesas que já encontramos e ainda continuamos a encontrar; 2.º) que seja para o ano de 1878” (13).

Era uma clara alusão ao diálogo já encetado entre Lacerda e os salesianos que aportavam no Rio de Janeiro. O prelado via a colaboração em sua diocese mediante duas atividades específicas: suplência do escasso clero secular nas atividades de cunho paroquial e abertura de um instituto de artes e ofícios. Esses entendimentos iniciais foram retomados

mais intensamente nesse mesmo ano de 1877, com o próprio D. Bosco.

## Os encontros em Roma e Turim

Em 1877 os bispos do Brasil foram convidados a ir a Roma para a celebração dos 50 anos de episcopado do Papa Pio IX. Dois bispos participaram nessas solenidades: D. Pedro Maria de Lacerda e D. Macedo Costa. Foi nessa ocasião que o prelado do Rio de Janeiro e o **Padre João Bosco** se encontraram pela primeira vez. No Vaticano, durante os primeiros dias de junho, Lacerda teve a oportunidade de conhecer o fundador dos salesianos. De fato também D. Bosco, fiel admirador do Papa, ocorrera a Roma nessa oportunidade para homenagear Pio IX. O próprio prelado nos deixou a narração desse episódio:

“Tivemos a ventura e prazer de conhecer e tratar pessoalmente com Dom Bosco, quando em 1877 fomos a Roma com a peregrinação brasileira, saudar e venerar o grande Papa Pio IX, por ocasião do famoso quinquagésimo aniversário de sua sagração episcopal.

“Nossa primeira entrevista foi em um salão do Vaticano, onde com outros ilustres personagens, estávamos à espera de chegar nossa vez de falar com o Eminentíssimo Cardeal Simeoni, então Secretário de Estado de Sua Santidade. Ainda nos lembramos bem daquele padre, modesto e de ar sereno, que mansinho percorria o salão, procurando o bispo do Rio de Janeiro, até chegar a perguntar-nos se éramos nós. Sabendo que sim, acrescentou que muito nos devia, sem que entendêssemos a

razão, pois até ali nunca havíamos nem sequer visto tal Revmo. Sacerdote. Quando ele nos replicou que era Dom Bosco, levantamo-nos alvoroçados, abraçamo-lo com toda a efusão dos mais vivos afetos e não cessávamos de dizer-lhe qual fosse o nosso contentamento, e ele de nos agradecer o bom acolhimento que em 1875 fizéramos no Rio de Janeiro a seus dignos congregados”.

E Lacerda conclui:

“Foi pois, nesse palácio apostólico do Vaticano, e junto do sagrado túmulo de São Pedro, que nós pedimos ao mesmo D. Bosco que enviasse para o Rio de Janeiro alguns de seus salesianos, e tivemos a doce consolação e ventura de ouvir de sua própria boca palavras de boas e bem fundadas esperanças” (14).

Naqueles dias, em Roma, ficou combinada uma visita do bispo brasileiro ao centro da obra salesiana em Turim. De fato, em carta de 12 de junho, D. Bosco comunicava ao Padre Rua:

“D. Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, está aqui em Roma; falei com ele, quer ir a Turim, e não partirá do Oratório senão quando tiver consigo ao menos cinco salesianos, para os quais já preparou as passagens. Verás que boa pessoa” (15).

Dessa forma, começavam a se firmar os laços de amizade entre o prelado fluminense e o sacerdote de Turim. Paulo Álbera coloca em relevo a visita feita ao Oratório Salesiano nesses termos:

“No ano de 1877 veio a Turim o Ilmo. Sr. D. Pedro Lacerda, bispo

zelosíssimo de São Sebastião do Rio de Janeiro, e permaneceu alguns dias no Oratório de São Francisco de Sales. . . O bom bispo se mostrou disposto a qualquer sacrifício em troca de possuir em sua diocese os salesianos, para confiar-lhes tanta pobre juventude, necessitada de instrução e educação” (16).

Um fato que mereceu muito destaque na visita do prelado ao Oratório de D. Bosco foi uma poesia feita nessa ocasião pelo padre João Batista Lemoyne. D. Lacerda sempre atribuiu a ele um significado todo especial: eis o episódio, na narração do padre Céria:

“Ficou notória também uma poesia do padre Lemoyne em sua honra. O bispo queria a todo custo ter na sua diocese os filhos de Dom Bosco. O poeta, pensando nos nomes do bispo e de Dom Bosco, referiu-se à pesca milagrosa do Evangelho: desenvolveu o conceito de que, como Pedro em sua barca, não podendo sustentar o peso das redes repletas de peixes, chamou da barca de João pescadores, que lhe viessem em auxílio para salvar o resultado da abundante pescaria, o bispo D. Lacerda, para garantir melhor o bem por ele realizado no seu ministério sacerdotal, invocava os braços dos filhos do sacerdote João Bosco para que unissem aos seus próprios esforços na divina pesca de almas juvenis”.

Num trecho da poesia, em italiano, João dizia a Pedro: “Serão teus, os meus filhos”. Tal frase passou a ser inúmeras vezes recordada e citada por D. Lacerda. E o biógrafo de D. Bosco conclui:

“Tudo concorria para alimentar nele a doce esperança de ter quanto antes na capital do Brasil ou nas adjacências um instituto salesiano para a juventude abandonada. Esperança que, embora tardiamente, teve a consolação de ver realizada em 1882 por meio do padre Lasagna” (17).

### As restrições da Santa Sé

A autoridade da Santa Sé era acatada por D. Bosco com grande respeito. Daí sua preocupação em não contrariar de forma alguma as orientações recebidas de Roma. Foi essa a principal razão da demora em atender ao bispo Lacerda, que viera pessoalmente a Turim pedir salesianos para sua diocese. Antes mesmo de voltar para o Brasil, a 23 de novembro de 1877 o prelado escrevia de Lisboa uma longa carta a D. Bosco, voltando a insistir no pedido. Declarando-se **apóstolo dos salesianos**, solicitava que D. Bosco fundasse uma obra também em Portugal (18). A 8 de fevereiro de 1878, D. Bosco respondia de Roma:

“Em se tratando de ir para o Rio de Janeiro, é geral o entusiasmo entre os salesianos. Eles não se importam da febre amarela ou preta. Vão dispostos a tudo. Chegando a Turim, me entenderei como o capítulo e deliberarei quando e como o nosso projeto poderá traduzir-se em realidade”.

Mas em seguida acrescentava:

“Terei dificuldades não leves de caráter pessoal. Pio IX, nos últimos dias, deu ordem ao Cardeal Vigário de acertar com D. Bosco acerca da abertura de uma ou duas casas sale-

sianas em Roma. Sendo isto como o testamento do Santo Padre, há um entusiasmo geral para que tudo seja concretizado quanto antes. Não obstante isso, querendo Deus, Dom Lacerda terá os salesianos para si, a fim de que lhe sejam para sempre filhos e servos intimamente dedicados” (19).

O tom da carta, como se pode observar, era encorajador, não obstante D. Bosco referir-se às prioridades impostas pelo próprio Pio IX, falecido pouco tempo antes. Lacerda continuou sua ofensiva, numa série de cartas a D. Bosco, comunicando-lhe que já havia reservado na praia de Jurujuba, perto de Niterói, um local para a instalação da obra salesiana.

A 1 de agosto de 1878 o fundador da obra salesiana escreve pela segunda vez ao bispo, mostrando-se então mais reticente com relação à obra do Brasil. Tal mudança de atitude provinha de restrições vindas diretamente da Santa Sé com relação à rápida expansão da obra salesiana. Preocupada com a multiplicação de casas salesianas em diversos países, a Cúria Romana desejava efetivamente manter a nova congregação sob seu controle. As novas obras, além disso, deveriam atender aos critérios de prioridades estabelecidos diretamente por Roma. Em vista disso, D. Bosco comunica ao bispo Lacerda as ordens recebidas diretamente do novo Papa Leão XIII:

“Existe, porém, uma dificuldade por parte do Santo Padre. Ele nos mandou abrir quanto antes uma casa em Roma e uma outra na cidade de Spezia perto de Gênova. Agora nos

manda que ajudemos Dom Cocchia, bispo de Santo Domingo, cuja catedral está fechada, e estão fechados também o seminário maior e menor, e quase todas as outras igrejas, por falta de padres. Depois destas ordens e outras semelhantes, declarou-me que se deve ir mais devagar e não abrir tantas casas”.

A Santa Sé, portanto, usava uma dupla medida: por um lado criticava Dom Bosco pela facilidade em abrir novas casas; por outro lado, premiada, também por diversas solicitações, prescrevia ao fundador da congregação salesiana uma série de prioridades a serem atingidas. Desejoso de atender ao bispo do Rio de Janeiro, mas sem contrariar as ordens de Roma, D. Bosco propunha ao bispo uma estratégia política, nestes termos:

“Eu, então, precisaria que o senhor me fizesse um grande favor, e escrevesse uma carta ao Santo Padre. Não fale destes nossos entendimentos, mas diga simplesmente que já estávamos de acordo em irmos para a sua diocese; que agora, havendo pedidos de tantas partes, surgiram dificuldades; e que pede à Sua Santidade que fale aos salesianos para que mantenham a palavra dada indo à sua diocese, onde há tanta necessidade deles”.

E Dom Bosco, num tom de velada crítica, conclui:

“Essa sua carta levará o Santo Padre a não falar mais que estamos abrindo muitas casas, enquanto ele mesmo no-lo ordena” (20).

D. Lacerda, porém, de temperamento tímido, e mesmo obstinado,

era bem pouco afeito às atitudes e manobras diplomáticas. Diante dessa última carta de D. Bosco, deixa-se levar momentaneamente pelo desânimo. Por isso ele escreve a 6 de outubro ao fundador da congregação salesiana:

“Mas eis que o Santo Padre quer os salesianos. D. Bosco disse-me uma vez por carta, que por isso o pessoal era escasso e estava em falta. Ah! Bom Deus! portanto perdidas minhas esperanças, e diferidas para **pridie kalendas graecas**, para não dizer para as próprias kalendas gregas... (isto para rir um pouco). Morrerei antes ou depois?”

A 14 de maio de 1879, vendo que nada se decidia, Lacerda volta a insistir em ter uma resposta de D. Bosco. Mas nega-se a usar o recurso diplomático sugerido por D. Bosco:

“Escrever ao Papa não, porque o senhor, melhor do que eu, pode defender a minha causa diante do Papa Leão XIII” (21).

D. Bosco, conhecedor profundo da Cúria Romana, haveria sugerido a Lacerda o caminho certo e oportuno para que a obra salesiana pudesse ser mais rapidamente iniciada no Brasil. Diante da recusa do prelado em seguir sua sugestão, e premido também pela Cúria Romana, resolveu deixar a questão da obra salesiana no Brasil em tempo de espera.

### **O ultimatum de D. Lacerda**

A 1.º de abril de 1881 o jornal **O Apóstolo**, do Rio de Janeiro publicava a transcrição de um longo

artigo do jornal francês *L'Univers* sobre a partida de missionários salesianos para a Patagonia, no sul da Argentina, sob o título **D. Bosco: partida de missionários salésios**. Foi provavelmente ao ler esse artigo que o prelado do Rio de Janeiro voltou a escrever uma longa carta a D. Bosco, datada de 13 de abril, advogando mais uma vez os seus direitos quanto à vinda dos salesianos para a diocese do Rio. Eis alguns tópicos mais significativos dessa missiva:

“Agradeço de coração sua bondade, que com tanto carinho me deu logo um **sim** tão desejado; agradeço a sua boa vontade e de seus salesianos; agradeço-lhe o desejo de fazer um grande bem em minha diocese. Porém Deus não o quer! Eu não o mereço... Que fazer? Baixar a cabeça e dizer: Faça-se a vontade de Deus! e também a de D. Bosco, e mais ainda dos salesianos”.

E prossegue em seguida:

“*Consummatum est!*... Não verei mais os salesianos, e nem sequer espero mais! E é também inútil pedi-los ao Papa, como fui aconselhado, e sobre o que já escrevi a V. R. uma longa carta. O ano passado tinha intenção de voltar à Itália, e a Turim, para falar a V. Revma sobre esta vinda dos seus salesianos, e trazê-los comigo, mas ao invés parti em visita pastoral, na qual despendi dez meses para visitar apenas seis paróquias das mais longínquas e abandonadas...”

E após evocar com carinho o encontro tido com os salesianos em Turim, Lacerda decide fazer ainda uma última pressão moral sobre D.

Bosco para obter suas reivindicações:

“Mas eis que me ocorre um pensamento, e é um ultimatum. Se por inesperado milagre (*utinam! utiman!*) o impossível se tornar possível, e que três ou quatro salesianos (veja quanto é modesto o meu desejo e o meu pedido) puderem vir com um sacerdote, V. R. me envie logo um telegrama dizendo estas palavras: **Em junho irmão cinco**”.

A carta se encerra com uma verdadeira peroração:

“Ah! querido Dom Bosco, quanto custa ao meu coração dizer o último adeus a minhas esperanças de quatro anos, sempre desfeitas! No paraíso terei o prazer de viver com Dom Bosco e seus salesianos. Lá teremos todos um só e o mesmo Pai, Deus, e não haverá mais **filhos meus** e **filhos teus**, mas todos seremos filhos de um mesmo Pai, visto, amado e possuído para sempre... Adeus, até a vista no céu” (22).

Foi tal o efeito produzido por esta carta em Turim, que o boletim Salesiano publicou na íntegra esse documento de D. Lacerda, precedido por estas palavras, provavelmente da autoria de D. Bosco:

“No ano 1877, estando entre nós em Turim D. Pedro Lacerda, bispo da capital do Brasil, insistia vivamente para ter na sua vastíssima diocese uma casa de salesianos; e nós, que quereríamos poder levar os nossos débeis auxílios onde existe uma necessidade, fizemos com que ele tivesse boas esperanças. Mas a necessidade de sustentar as numerosas casas abertas nas duas vizinhas re-

públicas e em outros lugares; a morte que com sua inexorável foice nos arrebatou vários utilíssimos membros, e também a febre amarela, que nos anos passados andava serpeando as praias brasileiras, nos impediram de satisfazer os ardentes desejos do piedoso prelado. Ora, por este nosso atrazo merecemos ultimamente dele uma carta de doces lamentos, que julgamos oportuno colocar sob os olhos dos nossos leitores, a fim de conheçam melhor em que estado deplorável se encontram tantas almas na América, e como seja conforme à razão e à piedade cristã ir em auxílio delas” (23).

### **A visita do inspetor Lasagna**

Em princípios de 1882 o sonho de D. Lacerda, por tanto tempo acalentado, parecia próximo a ser realizado. Após anos de insistentes pedidos, D. Bosco designa enfim o padre Luís Lasagna, para que, na qualidade do inspetor do Uruguai e do Brasil, estudasse as possibilidades de expansão da obra salesiana em território brasileiro. E, evidentemente, a primeira proposta a ser considerada era a viabilidade da instalação de um instituto de artes e ofícios na diocese do Rio de Janeiro. Lasagna partiu de Montevidéu no dia 9 de maio em companhia do clérigo Teodoro Massano, e em data de 24 de maio comunicava a Dom Bosco a chegada ao Rio de Janeiro e a recepção tida por parte do bispo Lacerda:

“Logo que anunciaram a S. Excia. a nossa chegada, veio ao nosso encontro de braços abertos, e com tal regozijo, que lhe transparecia nos olhos. Que bom, que santo prelado!

O acolhimento amabilíssimo e mais que paternal que nos deu consolou-nos muito, e ainda mais, nos edificou e comoveu profundamente”.

E Lasagna, dirigindo-se a D. Bosco, acrescenta:

“V. R. que, muito antes de mim, pôde conhecê-lo e admirá-lo de perto, quando em 1877, foi ilustre hóspede de V. Revma. por tantos dias, em nosso querido Oratório de Turim, não precisa de que me detenha a falar-lhe da humildade, do zelo e da grande cultura de D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro; não lhe será, porém, desagradável que eu, por dívida de gratidão, deixe assinalados os requintes de sua bondade para conosco e a sua grande devoção a Maria Auxiliadora, como também as ardentes esperanças ou, diria melhor, a inacreditável fé que tem na missão confiada por Deus aos pobres salesianos. Vimos que conhece a fundo e em suas particularidades tudo o que diz respeito à Pia Sociedade Salesiana, e por bondade, fala de tudo com amor, com admiração e com entusiasmo”.

O prelado reteve os visitantes em sua companhia até à noite. E Lasagna conclui com esta observação bastante significativa:

“O bispo, torno a dizer, tem por nós uma afeição, uma consideração inigualável. Recolhido como é, amante do retiro e da solidão parece que, em consideração a nós, mudou de gênero e hábitos” (24).

No dia 3 de agosto Lasagna assinava a escritura de compra de uma propriedade no bairro de Santa Rosa em Niterói, para instalação da fu-

tura obra salesiana. O preço foi pago pelo próprio prelado.

O inspetor voltou em seguida para o Uruguai, a fim de preparar para o ano seguinte a primeira expedição de salesianos para o Brasil.

### **A chegada dos salesianos em Niterói**

A 14 de julho de 1883 chegou à diocese do Rio de Janeiro o primeiro grupo de salesianos destinados à fundação do colégio Santa Rosa em Niterói. Pouco antes, em carta pastoral datada 22 de junho e escrita em Minas, o bispo comunicava aos seus diocesanos a fundação do estabelecimento salesiano, com estas palavras:

“Sim, graças a Deus e a Maria SS. já obtivemos do próprio Dom Bosco a promessa da fundação; já pudemos pagar as passagens de alguns salesianos de Turim até a América; já D. Lasagna veio de propósito tratar conosco sobre este importante assunto; já Deus nos fez alcançar algumas esmolas e deu-nos coragem de tomar sobre nós mesmos o pesado empréstimo de alguns contos de reis, que se irão pagando por parcelas, ano por ano, pelo que se pôde comprar em Niterói, em um de seus bairros mais saudáveis e amenos, qual o de Santa Rosa, um bom terreno com uma casinha, insuficiente porém para uma família e demais acanhada para um estabelecimento desta ordem, por muito modesto que seja” (25).

O prelado, porém, não pôde estar presente para recepcionar os salesianos. Escrevendo a D. Bosco a 6 de

agosto de 1883, Lasagna assim explicava a ausência do pastor:

“Como o sr. bem sabe, a Divina Providência quis dar-nos aqui um segundo Pai, um outro D. Bosco na pessoa do piíssimo e douto bispo do Rio de Janeiro, o excelentíssimo D. Pedro Maria de Lacerda. Mas, que fazer?! Quando chegamos ao Rio de Janeiro, o bispo já estava ausente havia dois meses. Pobrezinho! Enquanto grassava a febre amarela, a poucos meses atrás, ele perdeu seu próprio secretário, o virtuosíssimo sacerdote Francisco Telles... Profundamente angustiado por esta perda e enfraquecido de saúde, o bispo foi aconselhado e quase obrigado pelos amigos e pelos médicos a deixar a capital e a retirar-se para o interior do Império, numa província chamada Minas, onde o clima é mais agradável e temperado pelas muitas e intermináveis cadeias de montes que a cobrem” (26).

Ao voltar para o Rio em setembro, o prelado fez logo questão de ter junto a si os novos religiosos e colaboradores na atividade pastoral.

Em carta de 15 de dezembro de 1883 o superior da comunidade Miguel Borghino narrava a D. Bosco esse primeiro encontro, nestes termos:

“O nosso amadíssimo e revmo. bispo, ou melhor dizendo, o nosso segundo pai, porque de fato tal é para nós, chegou à diocese nos primeiros dias de setembro. Deveu ausentar-se por alguns meses do Rio de Janeiro para restaurar a sua enferma saúde, e por isso nós não tínhamos ainda tido a felicidade de vê-lo

após a nossa chegada a Niterói. Apenas chegou, seu primeiro cuidado foi de nos mandar chamar a todos, porque a todos queria abraçar e abençoar. Obedientes à sua voz, nos apresentamos juntamente com nosso amado inspetor, padre Lasagna. Não tenho palavras para descrever o júbilo deste bom pastor ao ver assim realizados os mais ardentes desejos de seu coração. Basta dizer que ele nos acolheu com todas aquelas demonstrações de afeto, com toda aquela expansão do coração, com que o mais terno pai receberia um filho que desde muito não via e abraça-

va. Estava fora de si pelo prazer e pela consolação que experimentava naquele momento, e recordando as palavras de uma poesia, que lhe fora lida no Oratório de Turim em 1877 ia repetindo: "Agora sim, agora os teus filhos, ó Dom Bosco, são os meus filhos" 27).

Nada melhor do que esta acolhida tão gentil para ajudar os salesianos a vencerem com ânimo firme as dificuldades dos primeiros meses; D. Lacerda, aliás, manteve essa estima para com os salesianos até a sua morte em 1890.

## CONCLUSÃO

Ao término deste estudo, alguns aspectos merecem um enfoque especial:

1. Formado à escola de D. Viçoso, bispo lazarista de Mariana, D. Pedro Maria de Lacerda não mostrava muita simpatia para com o clero brasileiro da época, necessitado da reforma, e muito menos ainda para com os sacerdotes seculares vindos da Itália. Segundo alguns bispos do Brasil, estes vinham para cá exclusivamente para enriquecer-se, ou *fare l'America*, conforme a expressão da época.

2. O prelado, porém, mostrava-se muito favorável à vinda de religiosos da Europa, a fim de fortalecer o movimento de reforma católica iniciado pelo episcopado. Daí o apoio dado aos padres lazaristas franceses que foram chamados para assumir a direção do seminário episcopal. Daí o carinho especial manifestado para com os salesianos de D. Bosco.

3. Acresce que os salesianos, embora religiosos, apresentavam a característica especial de não terem hábito especial, mas vestirem-se de modo análogo ao clero secular. Isso facilitava que o ingresso dos salesianos não provocasse reação desfavorável do governo, cuja hostilidade com relação a frades e monges era manifesta.

4. Outro aspecto altamente valorizado pelo prelado era o fato de estarem os salesianos voltados para a educação da juventude pobre e abandonada, e preocupados em encaminhá-la ao mundo do trabalho. Enquanto outras congregações, como lazaristas e jesuítas, dedicavam-se especialmente à formação da juventude católica, não havia até então nenhuma congregação religiosa que se preocupasse especificamente com a classe pobre e marginalizada.

5. Não obstante sua timidez e indecisão de caráter, o bispo do Rio

de Janeiro lutou efetivamente para conseguir a presença dos salesianos em sua diocese. Se os salesianos se enumeram entre os poucos institutos religiosos que se estabeleceram no Brasil ainda na época imperial, tal fato se deve sem dúvida alguma à persistência e ao esforço de D. Pedro Maria de Lacerda.

6. Em modo análogo às demais congregações religiosas que se estabeleceram no país nesse período, também o ingresso dos salesianos não foi pacífico. Perdurava ainda

um forte espírito anticlerical, e os primeiros salesianos foram intensamente hostilizados. Os salesianos, porém, contavam sempre com o apoio do bispo do Rio de Janeiro, considerado por eles com razão como o seu Segundo Pai.

7. Cabe lembrar finalmente, aqui, as palavras do Padre Paulo Albera: "Não se saberia dizer se houve outro prelado que mais intimamente tenha conhecido D. Bosco, mais o tenha estimado e mais ternamente se tenha afeiçoado a ele" (28).

## NOTAS

(1) Vide Azzi, Riolando, **O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX** in REB, 1974, pp. 646-662; **D. Afonso de Moraes Torres, ex-lazarista no bispado do Pará**, in **Convergência**, 1982, abril, pp. 177 ss; **Um franciscano entre os bispos reformadores: D. Frei José da SS. Trindade, bispo de Mariana (1820-1835)** in **Convergência**, 1982, nov., pp. 564 ss. (2) Vide Azzi, Riolando, **Um religioso à frente da reforma católica no Brasil: D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Marianna (1844-1875)**, artigo de próxima publicação na revista **Convergência**. (3) Pimenta, Silvério Gomes, **Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso**, Mariana, 1920, 3ª ed., p. 215. (4) Lacerda, Pedro Maria de, **Tratado Canônico Moral sobre a Residência dos Padres**, Rio de Janeiro, 1861. (5) Santos, Antônio Alves Ferreira, **Notas históricas da arquidiocese do Rio de Janeiro através da biografia dos seus prelados** in **A Província Eclesiástica do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Agir, 1948, p. 15. (6) **Annales de la Congregation de la Mission**, Paris, 1975, v. XL, pp. 648-652. (7) **Pastoral recomendando orações e escolas em favor do Santo Padre o Papa Pio IX**, Rio de Janeiro, 1873, p. 4. (8) Pimenta, Silvério Gomes, **Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso**, Mariana, 1920, 3ª ed., pp. 214-215. (9) **Dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará — arcebispo pri-**

**maz (1830-1891)**, São Paulo, Edições Loyola CEPEHIB, 1982, pp. 43-48. (10) Marcigaglia, Luis, **Os salesianos no Brasil**, São Paulo, 1955, v. I, p. 14. (11) Vide Azzi, Riolando, **Os Salesianos no Rio de Janeiro**, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1982, pp. 40-44. (12) Ceria, Eugenio, **Memorie Biografiche del beato Giovanni Bosco**, Turim, SEI, 1931, v. XII, p. 539. (13) Ceria, Eugenio, o.c. v. XIII, p. 161. (14) **Carta do bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Ofícios, Artes e Letras em Niterói**, Rio, 1883, pp. 11-12. (15) Ceria, Eugenio, o.c., v. XIII, p. 139. (16) Albera, Paolo, **Mons. Luigi Lasagna**, Buenos Aires, 1945, p. 165. (17) Ceria, Eugenio, o.c., v. XIII, pp. 174-175. (18) Ceria, Eugenio, o.c. v. XIII, pp. 945-949. (19) Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro. (20) Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro. (21) Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma. (22) **Bollettino Salesiano**, ano V, 1881, agosto, pp. 3-5. (23) **Bollettino Salesiano**, ano V, 1881, agosto, p. 3. (24) **Bollettino Salesiano**, ano VI, 1882, agosto, pp. 132-135. (25) **Carta do bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Ofícios, Artes e Letras em Niterói**, Rio, 1883, pp. 16-17. (26) Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma. (27) Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma. (28) Albera, Paolo, **Mons. Luis Lasagna**, Buenos Aires, 1945, p. 166.

# ANO SANTO EXTRAORDINÁRIO

## Por que este Ano Santo de 1983?

Este Ano Santo é **Extraordinário**. A data ordinária seria o ano 2.000, pois Ano Santo se celebra de 50 em 50 anos. E o último, sob o pontificado de Paulo VI, foi em 1975. JOÃO PAULO II, no dia 6 de janeiro, proclamou este **Ano Santo Extraordinário** para celebrar os 1950 anos da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Com isto, o Papa acolhe, sem defini-la como exata, uma velha tradição na Igreja: Cristo teria morrido no ano 33.

## Qual o início e o fim do Ano Santo Extraordinário?

A Bula **Aperite Portas Redemptori**, datada de 6 de janeiro e publicada no dia 21, determina este período: início em 25 de março de 1983, festa da Anunciação do Senhor. Término em 24 de abril de 1984, Domingo da Ressurreição do Senhor.

## O Ano Santo é criação da Igreja?

Não. É uma idéia profundamente bíblica. Tome a sua Bíblia. Leia o **Levítico**, capítulo 25; o **Êxodo**, capítulo 21; o **Deuteronômio**, capítulo 15. Aí se estabelece a celebração de um ano especial de 50 em 50 anos. "Chamareis santo este quinquagésimo ano".

## Em síntese...

O Ano Santo Extraordinário, proclamado por João Paulo II, vai ser um período de intensa comunhão com Deus e de misericórdia para com os irmãos, de justiça e de concórdia.

## Qual o interesse deste Ano Santo para a Igreja?

Extraordinário, pois a **Redenção** é a vida e a respiração da Igreja. A fonte em que vai haurir a força transformadora que move sua atividade. Se a Igreja age é para difundir a Redenção. Se prega a Palavra, se distribui os Sacramentos, se suscita e alimenta a Fé, se promove a Justiça, a Igreja está sendo, de modo concreto, sinal e instrumento, canal e presença de Redenção.

## Qual a intenção primeira de João Paulo II, ao proclamar este Ano Santo Extraordinário?

"Um apelo ao arrependimento e à conversão para se chegar à renovação espiritual". O Ano Santo comporta um explícito, urgente e repetido apelo ao **Sacramento da Penitência**, um redespertar deste sacramento em toda a Igreja (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de abril de 1983

A mais singela lição de Teologia da Vida Religiosa indica a **experiência de Deus** como um dos elementos definidores de seu núcleo constitutivo. E aponta a **ORAÇÃO** como um fator responsável pela sua veracidade. Não é o único mas, certamente, o mais revelador e intenso neste projeto que envolve e enfeixa nossa vida. Com freqüência, anuncio, em **CONVERGÊNCIA** e alhures, as Publicações CRB que ainda podem ser pedidas. **Comunidade na Sagrada Escritura**, de Frei Simão Voigt, OFM, é um destes livros. Transcrevo, aqui, um excerto da página 36, relativo à oração.

“Assim, é preciso ver que o que mais há na Escritura é oração, pois toda ela foi formulada, transmitida e enfim posta por escrito **no Espírito**, ela é toda oração e toda ela é oração, monumento duma comunidade orante que foi povo de Deus vétero e neotestamentário a colocar-se diante de seu Senhor rezando com palavras ou sem elas, em silêncios ou em gritos, em gemidos como em cantos, em clamorosas manifestações públicas ou recôndita contemplação embevecida, em meditativos murmúrios individuais ou no canto e música de grupos, em aplausos e danças, espirais de incenso, vestes de solenidade e pedras lavradas, suntuosa arquitetura ou despojamento evocador, bronze fundido e ouro batido, prata e cinzel, agulha e brocado, balidos de ovelhas e sangue a jorrar e fogo de holocausto, perpétuo louvor de tarde e manhã, e assim para diante, a rocha de Sião, o vale Cedron, estrelas e luas, a nova e a cheia, o sábado e o ano, promessas, primícias, o óbolo e a viúva, os cachos da vindima e o trigo do Esdrelon que estavam no Cenáculo, **shofar** do deserto e trombetas do Apocalipse, e o mais que queiramos, do caos ao amém, por toda Escritura, vida vivida, história rezada. Bendito o Senhor.

Mas se assim o homem bíblico é uma oração, a comunidade bíblica forçosamente há de ser uma comunidade oração. E uma comunidade-oração há de rezar não apenas respirando, convivendo, plantando e guerreando, mas forçosamente há de também rezar rezando; ela, a comunidade como tal, há de ter também os seus grandes e pequenos momentos em que coesa e conscientemente se coloque no signo da expressão desta sua identidade orante, desta sua qualidade de concretizada reação frente à experiência da manifestação de Deus.”

Quando Você puder, não deixe de ler este opúsculo. São cinquenta páginas apenas. É subsídio, rico de serena objetividade, para o exercício diário desta jornada, necessariamente longa, de nossa sensibilização à presença de Deus emergente em cada realidade.

Ao seu inteiro dispor, desejando-lhe toda paz e todo bem, subscrevo-me, com fraterna amizade,

atenciosamente

**PE. MARCOS DE LIMA, SDB**  
Redator-Responsável  
Convergência e Publicações CRB